

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E SERVIÇO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO

NATANE HELOISA PEREIRA GENEROSO

MULHERES, MÍDIA, EDUCAÇÃO E FUTEBOL:
A (des) construção do esporte no Brasil

MARIANA

2016

NATANE HELOISA PEREIRA GENEROSO

**MULHERES, MÍDIA, EDUCAÇÃO E FUTEBOL:
A (des) construção do esporte no Brasil**

Monografia apresentada ao curso Jornalismo da
Universidade Federal de Ouro Preto como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharel em
Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Margareth Diniz

MARIANA

2016

Catálogo na fonte: Bibliotecário: Essevalter de Sousa - CRB6a. - 1407 - essevalter@sisbin.ufop.br

G326d Generoso, Natane Heloisa Pereira
Mulheres, mídia, educação e futebol: a (des) construção
2016do esporte no Brasil [manuscrito]/ Natane Heloisa
Pereira Generoso.-Mariana, MG, 2016.

69 f.:

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Sociais
Aplicadas, Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo
e Serviço Social DECSO/ICSA/UFOP

1. Mulheres - Brasil - Condições sociais. 2. Futebol.
3. Educação. 4. Esportes para mulheres. 5. Machismo.
6. Mídia digital - Aspectos morais e éticos. 7. MEM.
8. Monografia. I.Diniz, Margareth. II.Universidade
Federal de Ouro Preto. \$b Instituto de Ciências Sociais
Aplicadas. III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 364.65

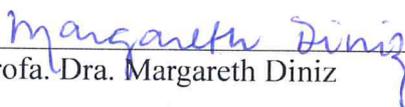
Natane Heloisa Pereira Generoso

Curso de Jornalismo - UFOP

MULHERES, MÍDIA, EDUCAÇÃO E FUTEBOL:
A (DES) CONSTRUÇÃO DO ESPORTE NO BRASIL.

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação da Profa. Margareth Diniz.

Banca Examinadora:



Profa. Dra. Margareth Diniz



Profa. Dra. Marta Regina Maia



Prof. Dr. Ricardo Augusto Silveira Orlando

Mariana, 10 de março de 2016.

Em memória de Geraldo Ferreira, pai amado.

“Temos que nos perguntar mais freqüentemente como as coisas aconteceram para descobrir porque elas aconteceram.”
Joan Scott.

Resumo

Este trabalho é fundamentado nos estudos de gênero, educação feminina, e na história do futebol feminino no Brasil, analisando como esses três elementos, perpassados pela mídia, influenciaram mulheres atletas da Universidade Federal de Ouro Preto. A análise do material teórico evidencia que a educação feminina no Brasil contribuiu de forma direta para as desigualdades de gênero no mercado de trabalho, na sociedade em geral. A metodologia aplicada nesta pesquisa se desenvolveu a partir de entrevistas semi-estruturais realizadas com atletas da Universidade Federal de Ouro Preto e por meio de seus resultados nos pareceu que também atingiu as representações acerca do futebol brasileiro praticado por mulheres.

Palavras-chave: Mulheres. Futebol. Educação. Esporte. Machismo. Mídia.

ABSTRACT

This work is grounded in gender studies, women's education and the history of women's soccer in Brazil, analyzing how these three elements, passing by the media, influenced female athletes of the Universidade Federal de Ouro Preto. The analysis of theoretical material shows that female education in Brazil has directly contributed to gender inequalities in the labor market and in the society as a whole. The methodology used in this research consists in semi structural interviews with athletes from the Universidade Federal de Ouro Preto and according to its results we can infer that the sexism also affects the representation of Brazilian soccer played by women.

Keywords: Women. Soccer. Education. Sport. Sexism.

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. MULHERES, ATLETAS, MERCADO DE TRABALHO E FAMÍLIA.....	11
2.1. A mulher e esporte.....	16
2.2. Representação da atleta na mídia.....	20
3. A EDUCAÇÃO DAS MULHERES NO BRASIL.....	29
4. SOCIABILIDADE E HISTÓRIA DO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL....	36
5. PESQUISA DE CAMPO.....	45
5.1. Mulheres por trás das chuteiras.....	46
5.2. Metodologia.....	49
5.3. Resultados.....	53
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
7. REFERÊNCIAS.....	61

1. Introdução

"Desculpa, mas eu tive que olhar duas vezes para ver se você não era homem". Esse é o pedido de desculpa que eu recebi por ser mulher. Mulher que estava falando de futebol com um amigo. Esse questionamento não é o primeiro que recebo e de certo não será o último. Quando uma mulher entra em um espaço visto como masculino, ela causa uma ruptura nas estruturas machistas. Ao homem que se questiona - e me questiona - sobre minha masculinidade (ou a falta dela) não foi o suficiente olhar uma vez. Era necessário dar mais uma olhada, para garantir que realmente não se tratava de um homem. Talvez ele tenha pensando: "Essa voz é de mulher, está usando saia, mas está falando de futebol". Essa conferida não é exclusiva do futebol, no dia a dia as mulheres escutam questionamentos a todo o tempo.

Já nascemos em uma sociedade determinada a nos dizer o que é certo ou errado, principalmente quando o assunto se refere aos gêneros. Crescemos com a ideia de que meninas devem brincar com bonecas e meninos com carrinho. Somos educados dessa maneira em casa, através de nossos pais que conseqüentemente aprenderam isso com nossos avós e assim por diante. Quando temos nossos primeiros contatos com o mundo exterior esse estereótipo é o mesmo. Essa reprodução de valores aparece de diversas maneiras, pode estar vinculada à religião a qual somos introduzidos, por exemplo. Está também ligada à vida escolar, uma vez que a escola, na maioria das vezes, torna-se uma reprodutora de valores. Uniformes, filas, hora cívica, permissões para ir ao banheiro. Essas são apenas algumas regras que temos que seguir desde o ensino básico ao médio. No ensino superior nos é exigido romper com esses parâmetros, o que nem sempre é fácil.

E foi justamente no Ensino Fundamental que a exclusão das meninas foi percebida por mim, principalmente nas aulas de Educação Física. Ao tentar ocupar esse espaço, era evidente que a quadra principal era dos meninos e a quadra de areia das meninas, logo a bola cheia ficava com os meninos e a murcha com as meninas.

Cansada de jogar queimada na quadra de areia, resolvi me aventurar na quadra principal. Nenhum garoto se dispôs a ceder uma vaga para que uma menina participasse do jogo. A única chance que tive disso acontecer foi ocupar a posição de goleira, ninguém quer ser o que deixa a bola passar, todos querem as glórias de ser um artilheiro. Afinal de contas, o melhor se destaca pelo número de gols que faz. Foi assim que rompi o muro que existia entre a quadra de areia e a principal, sendo aquela que jogaria como goleira. A única. Outras não se

interessavam ou não tiveram a mesma "sorte" que eu no enfrentamento da questão. Outras meninas não jogavam porque os meninos não deixavam e os professores não se opunham a eles, os deixando escolherem quem jogava ou não.

Assim como no futebol, o mercado de trabalho é carregado de preconceitos com o sexo feminino e com aqueles que fogem da norma, o que veremos no capítulo "Mulheres, atletas, mercado de trabalho e família". Os próprios profissionais da educação física reproduzem e normatizam as práticas ligadas ao futebol como um esporte competido exclusivamente por homens. Além dos muros da escola, podemos perceber que o futebol reproduz valores sociais, tudo isso está relacionado ao que BOURDIEU (2014) denomina como "dominação masculina", pois os homens são vistos como melhores do que as mulheres, gozando de privilégios que para a maioria das mulheres são lutas do dia a dia.

Daí então meu interesse pelo tema que venho pesquisando na monografia. Busquei me aproximar das relações que se estabelecem historicamente entre as teorias de gênero, com recorte na educação feminina, o que é tratado por mim no capítulo 2, "A educação das mulheres no Brasil", bem como realizar um levantamento acerca das representações midiáticas quando o assunto é futebol feminino, evidenciado no tópico 2.2, "Representação da atleta na mídia". A pesquisa de campo visou trazer à tona os discursos de cinco jovens atletas universitárias a fim de verificar se há de fato influência de pregnâncias de gênero na escolha ou desistência pelo futebol feminino.

Os resultados da pesquisa serão evidenciados no capítulo cinco, cotejando o estudo teórico realizado e os dados coletados por meio das entrevistas.

2. Mulheres, atletas, mercado de trabalho e família

As lutas feministas no último século vêm conquistando grandes espaços sociais que dificilmente as mulheres teriam em outras épocas. A história feminina é marcada por uma ordem patriarcal, carregada de condutas voltadas para uma educação em que, desde pequenas, às mulheres são ensinados ofícios domésticos e a maternidade. Como resultado, por milênios a mulher vem sofrendo vários tipos de violência sejam físicas ou simbólicas. BOURDIEU (2014) alerta que a violência simbólica sofrida pelas mulheres não deve ser pensada como algo meramente "espiritual", pois ainda assim é uma agressão, caso contrário essa violência será minimizada, transformada em algo irreal e perpetuada na sociedade.

A travessia do século XIX para o XX foi marcada pela entrada da mulher no mercado de trabalho, passando de uma contribuição para a renda familiar à renda principal em muitos lares, quebrando a velha imagem da “tradicional família brasileira”, baseada em pai, mãe e filhos:

Num primeiro momento, a família dita tradicional assentava-se na preocupação com as tradições, com a conservação e ampliação do patrimônio e a transmissão da herança. Os casamentos eram arranjados e a família devia submeter-se à ordem patriarcal. Em momento posterior, caracteriza-se a família moderna e prevalece a lógica afetiva; assim, a união do casal funda-se no amor romântico. (SIMÕES, F. I. W. e HASHIMOTO, 2012, p. 02).

Os novos rumos trabalhistas tiveram seu lado negativo, isso porque as fábricas transmitiam uma imagem de perdição para o sexo feminino, cheio de preconceitos contra suas funcionárias, local imoral visto como centro de prostituição. As mulheres provindas das camadas mais pobres trabalhavam nas fábricas, enquanto das pertencentes à burguesia eram exigidas uma dedicação voltada ao lar e ao matrimônio. Ambas deviam ser assexuadas mesmo após o casamento, sempre associadas a uma imagem de mulher frágil e delicada.

Para a mulher eram destinadas a docência e a enfermagem, mas nem sempre a busca de trabalho, que não se limitasse aos afazeres domésticos, era bem vista na sociedade. DINIZ (2006) nos mostra que as mulheres que buscassem outros tipos de trabalhos eram associadas à prostituição. Essas frequentes associações do trabalho feminino com a moralidade social, segundo RAGO (2010), faziam parte do ambiente fabril, destacando o trabalho como uma ameaça à honra das mulheres, que juntamente com as crianças, no começo do século XX, constituíam a maioria do proletariado.

As mulheres começam a tomar o rumo da própria vida. Porém, segundo PEREIRA (2006), essas conquistas não foram plenas, elas saíram do lar, mas a domesticação de seu corpo e ações ainda faziam parte do seu dia a dia. Os assuntos relacionados ao espaço público eram destinados ao homem, enquanto que os afazeres domésticos eram de total responsabilidade das mulheres, que deveriam desempenhar o papel de um general, fiscalizando todos os passos dos membros da família, inspecionando e verificando se tudo estava em ordem e se certificando do bem estar de seus filhos e maridos.

A vida profissional da mulher é prejudicada graças à construção de mãe dedicada e abnegada e a busca de renda torna-se mais uma jornada de trabalho, já que socialmente elas ainda são responsáveis pelos afazeres domésticos e cuidados com os filhos. Com a saída das mulheres dos lares para o mercado de trabalho, algumas não se interessaram mais pelo matrimônio, assim a urbanização das cidades e a crescente industrialização chegavam com bons olhos para as mulheres, que começavam a enxergar novas perspectivas de trabalho fora da docência, que até então era uma das profissões aceitas para as moças:

Nesse contexto, com a crescente incorporação das mulheres ao mercado de trabalho e à esfera pública em geral, o trabalho feminino fora do lar passou a ser amplamente discutido, ao lado de temas relacionados à sexualidade: adultério, virgindade, casamento e prostituição. Enquanto o mundo do trabalho era representado pela metáfora do cabaré, o lar era valorizado como o ninho sagrado que abrigava a “rainha do lar” e o “reizinho da família”. (RAGO, 2010, p. 588).

A preocupação dos homens em torno do trabalho feminino nas fábricas se baseava em um sentimento de desvalorização da mão de obra, eles se sentiam ameaçados com a presença das mulheres no mercado de trabalho, apesar de toda a liberdade que usufruíam e com os salários melhores do que as mulheres, argumentando que não queriam dividir aquele espaço com aquelas que, segundo eles, lhes tomariam um emprego no futuro. Assim reforçavam o discurso de que o lugar da mulher era dentro de casa, com seus afazeres domésticos e cuidados com os filhos.

Uma hierarquia de gêneros era estabelecida dentro das fábricas, fazendo com que as mulheres perdessem seu espaço para os homens, “No cotidiano das fábricas, as mulheres ficavam com as tarefas menos especializadas e mal remuneradas, os cargos subalternos, os menores salários e conviviam com a falta de higiene, péssimas condições de trabalhos e assédio sexual.” (DINIZ, 2006, p. 46). O trabalho feminino era visto como uma ruptura do ambiente familiar, que RAGO (2010) denomina como “debilitação da raça”. Segundo a autora, até mesmo os anarquistas “que condenavam o casamento monogâmico indissolúvel e a

exigência da virgindade para a mulher” (RAGO, 2010, p. 587), eram severos quando o assunto era a conduta sexual das moças. De um lado defendiam o amor livre e a escolha da mulher sobre a maternidade, do outro se mostravam preocupados com a moralidade feminina. Já a elite masculina não via com maus olhos que as mulheres trabalhassem, uma vez que não tivessem nenhum parentesco com elas e que as representantes da classe alta permanecessem em casa, supervisionando os trabalhos domésticos (HAHNER, 1981, p. 73).

O modelo familiar constituído apenas pela mulher não era bem visto pela sociedade, ao deixar de lado a maternidade e o casamento, ela incorporava a imagem de transgressora, descumprindo seu papel de esposa e dona de casa. As mulheres já poderiam desfrutar dos prazeres do corpo sem finalidade de procriação e sem serem julgadas moralmente por terem um prazer diferente daquele proporcionado pela maternidade:

No bojo dessa nova concepção da família há a elevação dos índices de divórcio, a alta taxa de procriação fora do casamento e baixa a fecundidade, fatos que fizeram com que o Estado convocasse médicos, psicólogos e sociólogos especialistas, dentre outros, para que se empenhassem em encontrar formas de vigiar e controlar a vida privada das famílias. (SIMÕES. e HASHIMOTO, 2012, p. 04).

Enquanto os homens se voltavam para os trabalhos que envolviam os negócios, as mulheres eram incumbidas dos afazeres domésticos e dos cuidados com os filhos. SIMOES e HASHIMOTO (2012) consideram que as divisões do trabalho eram bem estabelecidas dentro do âmbito familiar, “o pai como o único provedor e o responsável por desbravar o mundo e a mãe como a única responsável pelas tarefas domésticas e pelas necessidades da prole.” (SIMÕES e HASHIMOTO, 2012, p. 07).

Com respaldo de médicos e higienistas, as ideias contra o trabalho feminino só aumentavam. As mulheres das classes mais baixas eram consideradas ignorantes, enquanto as moças de classes mais altas eram vistas como um pouco menos ignorantes que os homens. “No imaginário das elites, o trabalho braçal, antes realizado em sua maior parte pelos escravos, era associado à incapacidade pessoal para desenvolver qualquer habilidade intelectual ou artística e à degeneração moral.” (RAGO, 2010, p. 589), ou seja, as moças com menos recursos sofriam duplamente, além das dificuldades que elas carregavam devido ao seu sexo, ainda eram discriminadas e subjugadas por sua condição financeira, ligadas à prostituição, independentemente da profissão que exerciam.

Para RAGO (1985), em meados do século XIX, a não amamentação, a prática do aborto e os questionamentos sobre o papel de mãe e dona de casa fazem parte da resistência

social feminina contra o sistema. O discurso higienista começa a reforçar os velhos paradigmas sociais sobre as mulheres, pautando um novo modelo normativo feminino, afirmando que a maternidade é a vocação natural da mulher e que elas não devem renegar essa condição. Com métodos pautados na ciência, os médicos expunham os benefícios da maternidade e do casamento e por outro lado deixavam claros os malefícios de uma vida fora do matrimônio:

No discurso médico, dois caminhos conduzirão a mulher ao território da vida doméstica: o instinto natural e o sentimento de sua responsabilidade na sociedade. Enquanto para o homem é designada a esfera pública do trabalho, para ela o espaço privilegiado para a realização de seus talentos será a esfera privada do lar. Tudo o que ela tem de fazer é compreender a importância de sua missão de mãe, aceitar seu campo profissional: as tarefas domésticas, encarnando a esposa-dona-de-casa-mãe-de-família. (RAGO, 1985, p. 75).

A sexualidade feminina era controlada, até mesmo as prostitutas, para os médicos higienistas as mulheres públicas eram preguiçosas, vivendo em função de uma vida de prazer, sem valores, devendo se restringir apenas ao local que lhe cabe: o bordel. As prostitutas em sua maioria proviam das camadas mais baixas, e umas das causas da prostituição segundo alguns médicos era “a ociosidade, a preguiça, o desejo desmensurado de prazer, o amor ao luxo, a miséria financeira, que leva a mulher a buscar recursos próprios fora do lar, o desprezo pela religião, a falta de educação moral e principalmente o temperamento erótico da mulher.” (RAGO, 1985, p. 86).

Na tentativa de impedir comportamentos sexuais considerados aberrantes, se instaura um projeto que visa controlar as prostitutas em prol da saúde pública, com o intuito de evitar que doenças sexualmente transmissíveis se proliferassem. As prostitutas eram o oposto das mães de família, que se caracterizavam por sua honestidade e fidelidade, ambas possuíam um ideal em comum sobre seus corpos: deveriam ser dessexualizados. Mesmo a prostituta, que ganhava a vida com sexo, não deveria sentir prazer, nos casos das mães de família o sexo é associado apenas à procriação. “O direito ao prazer no ato sexual é reservado ao homem, enquanto que a mulher deve manter sua castidade mesmo depois de casada.” (RAGO, 1985, p. 83).

Outro fator importante na luta feminina foi o investimento em seus estudos, com o intuito de aperfeiçoar a carreira profissional. Para BOURDIEU (2014), esse foi o grande fator de mudança na condição feminina, com a finalidade de ascensão no mercado de trabalho e satisfação pessoal, que veio a mudar as condições sociais e estruturais em que elas se

encontravam, rompendo a linha de dependência que elas tinham dos pais e, após o casamento, dos maridos. “A entrada da mulher no âmbito do trabalho traz repercussões na organização e na estrutura de funcionamento familiar, levando à proposição de novas configurações, arranjos familiares com interferências diretas na relação familiar.” (SIMÕES e HASHIMOTO, 2012, p. 08) e a maternidade já não era a única preocupação da mulher:

Desde as primeiras décadas do século XX, tornou-se visível a presença feminina em distintos segmentos do mercado de trabalho, especialmente no ramo têxtil, constituindo maioria majoritária da mão de obra. A participação da mulher no mercado de trabalho deu-se de forma crescente entre as décadas de 1920 e 1980, acompanhando o processo de urbanização e industrialização da sociedade brasileira. Esse período é marcado por um grande contingente de mulheres exercendo ocupações em condições precárias de trabalho, sem proteção social e com baixa remuneração. (SIMÕES, F. I. W. e HASHIMOTO, 2012, pág. 08)

Segundo SANTOS, A. (2002), o fator gênero contribui para uma divisão de classe, já que a distribuição salarial entre mulheres e homens é feita de forma desigual no mercado de trabalho, estabelecendo uma segregação social que dificulta a entrada feminina no mercado de trabalho. Ainda segundo o autor “A concentração em guetos ocupacionais, ou seja, em *trabalhos de mulher*, contribuiu para deprimir os salários em relação aos homens.” (SANTOS. A. 2002).

Na busca por um trabalho, as qualificações são baseadas no sexo masculino, logo, se uma mulher se candidata a um cargo que geralmente é ocupado por homens, delas é exigido “um conjunto de propriedades que os ocupantes masculinos atribuem usualmente ao cargo” (BOURDIEU, 2014, p. 93), tais como uma agressividade e autoridade para desempenhar a função. Sobre a divisão do trabalho, BOURDIEU (2014) a considera como uma ordem social sexualmente ordenada, em que para os homens são destinados o monopólio das atividades públicas, onde sempre há algumas trocas de signos, seja físico ou simbólico, enquanto que as mulheres, por vezes, são concebidas como um objeto de troca, sendo excluídas dos lugares públicos.

Não obstante da crescente participação feminina no mercado de trabalho, a desigualdade entre os sexos permanece na sociedade, por vezes naturalizada por diversas instâncias sociais. Dados da Organização das Nações Unidas (ONU)¹ revelam que atualmente o Brasil é o 85º país quando o assunto é desenvolvimento humano e desigualdade de gênero, apesar de ser a sétima economia do mundo, o país vem sofrendo nos últimos séculos com as

¹ <http://www.onumulheres.org.br/>.

mazelas causadas pelas desigualdades estruturais de gênero que se refletem no mercado de trabalho e na política. As brasileiras ocupam apenas 10% dos assentos do congresso nacional, ficando em 121º no ranking de participação na política.

As desigualdades também perpassam questões raciais. Se compararmos as taxas de desempregos entre homens e mulheres, chegaremos a uma diferença de duas vezes maior para o sexo feminino, número que chega a ser mais crítico quando se trata de mulheres negras, enquanto 12,5% delas estão desempregadas, 5,3% dos homens brancos passam pela mesma situação. Em decorrência da desvalorização sofrida pela mulher no mercado de trabalho, seus salários são em média 30% a menos do que dos homens que exercem a mesma função que elas.

A violência contra a mulher marca o Brasil como o sétimo país no *ranking* em feminicídio, atualmente 12 mulheres morrem por dia no país, em 2012 a taxa de estupros chegou a mais de 50.000. As mulheres dedicam mais tempo com os afazeres domésticos que os homens, apesar de chefiar um terço das famílias brasileira.

Para SCOTT (1989) “O princípio de masculinidade baseia-se na repressão necessária dos aspectos femininos – do potencial bissexual do sujeito – e introduz o conflito na oposição entre o masculino e o feminino.” (SCOOT, 1989, p 16). A autora considera a língua como primeiro embate que relaciona o gênero que dá preferência a termos masculinos. Segundo a autora historicamente os estudos de gêneros foram atribuídos às mulheres, contudo, suas crescentes pesquisas não possuem força suficiente para mudar os paradigmas estabelecidos pela sociedade.

Tanto BOURDIEU (2014) como SCOTT (1989) consideram que as mulheres são associadas a terminologias e características que as deixam em segundo plano, sempre à sombra dos homens, e que o poder está relacionado com a virilidade masculina. No futebol feminino as comparações são relacionadas com a modalidade masculina, que é adotada como parâmetro no esporte, assunto que segue nos capítulos seguintes.

2.1 A mulher e o esporte

No esporte a desvalorização da mulher não é diferente. O futebol feminino, praticado no Brasil, não desperta o interesse de grandes públicos, empresários e mídia, fato que não impede as mulheres de continuarem praticando o esporte. Muitas meninas possuem a esperança de um futuro melhor como atletas, apesar das dificuldades que elas já sabem que

enfrentarão. Nas escolas, um dos esportes mais praticados é o futsal, uma espécie de futebol em quadra com regras diferentes do jogo de campo tradicional, mas com a mesma essência. Na maioria dos casos é nesse esporte que despontam os grandes craques, tanto as mulheres como os homens. A participação feminina no futebol é cada vez maior, seja nas escolas, nos bares em dias de jogos e até mesmo no jornalismo esportivo, elas frequentam estádios, comentam lances, dão palpites táticos, praticam o esporte, "boleram".

Como torcedoras, as mulheres não deixam de ser questionadas, basta que elas demonstrem interesse no esporte que algum homem pergunta: "O que é impedimento?". A todo o momento as mulheres são postas a prova de serem tão capazes quanto os homens, e é só alguma mulher errar o nome de um jogador de futebol alemão que os comentários machistas começam a soar pelos cantos. Esse tipo de comportamento passa longe de ser o que GASTALDO (2010) define como "*relações jocosas futebolísticas*", que segundo o autor se baseia em trocas de brincadeiras e piadas. A relação que se estabelece é de uma tentativa de imposição sobre o sexo feminino.

Uma pesquisa feita pelo Sophia Mind², em maio de 2010, a partir de entrevistas feitas por questionários *on lines*, com 2.084 mulheres brasileiras com idades entre 18 e 60 anos, tinha como objetivo identificar a interação das mulheres com o futebol e suas mudanças de comportamento durante a Copa do Mundo de 2010, que naquele ano aconteceu pela primeira vez no continente africano. Segundo a pesquisa, os dados obtidos apontam que 80% das mulheres brasileiras torcem para algum time de futebol e que 30% costumam acompanhar os campeonatos. Em 45% dos casos são elas que escolhem seus times, sendo que o maior incentivador para times ainda são masculinos, cerca de 25% delas sofrem influência da figura paterna. Essas mulheres demonstram que não são alheias ao esporte como torcedoras, elas tem conhecimento sobre o esporte em geral e tomam suas próprias decisões quanto a locais para assistirem os jogos e quais times torcerem.

Quando se trata da mídia, as mulheres são lembradas em tempos de copa do mundo, muitas são questionadas sobre qual jogador é o mais bonito, perguntas que não são feitas aos homens. Para eles são perguntas que envolvem esquemas táticos e posições de jogadores. As mulheres não sofrem esse tipo de questionamento, é como se já estivesse estabelecido que para elas só servissem perguntas sobre os dotes físicos dos jogadores das seleções.

² Sophia Mind Pesquisa e Inteligência de Mercado é uma empresa do grupo de comunicação feminina Bolsa de Mulher voltada para pesquisa e inteligência de mercado.

A dominação masculina está ligada ao discurso pautado em colocar o masculino na frente do feminino, denominando o que se refere ao gênero masculino como uma espécie de coletivo. Quando há uma menina e um menino, o conjunto vira masculino. Assim, a violência simbólica reforça um estado de "superioridade" masculina sobre as mulheres, legitimando um discurso dominante que é masculinizado.

Essa dominação se legitima com as reproduções de discurso que são pautadas por instâncias sociais de forte influência e a principal é a mídia. Segundo a teoria do agendamento, é ela que muitas vezes pauta o que é discutido nas ruas, nas escolas, nos locais de trabalhos, etc. “A violência simbólica, se dá no sentido de orientar o que devemos pensar e como devemos agir, e encontra no agendamento da notícia, o ímpeto de atrair a atenção para fatos que são de natureza a interessar todo mundo, sem ter consciência, e porque ocupa tempo.” (SALVINI, 2010, p. 05).

Segundo BOURDIEU (2014), a dominação masculina está presente no nosso dia a dia, e o futebol brasileiro, um esporte dominado pelos homens, desde o século XIX, mostrou a que veio: excluir as minorias. Algo que, *a priori*, é difícil de entender, já que o esporte tem como característica a sua coletividade, e é justamente essa coletividade que define quem dele participa. Aquelas brincadeiras em que quem não tem habilidade só joga porque é o dono da bola é uma realidade que funciona muito bem.

GOELLNER (2012) analisa bem a questão do futebol como prática de lazer para as mulheres. Nem sempre será possível encontrar outras garotas que joguem futebol ou futsal, seja nas escolas, ruas, ou quadras poliesportivas, o que acaba por fazê-las jogarem em meio aos homens. É quando o nível de dificuldade aumenta, porque as cobranças direcionadas as mulheres são maiores. É normal companheiros de equipe cobrarem empenho e jogadas mais elaboradas dentro da partida, no entanto, a disputa de uma partida entre ambos os sexos se torna mais uma reprodução do machismo. A mulher já é questionada pelo fato de estar naquele espaço masculino, se a jogada de um time não sai como o esperado, a questionada é ela, e não um todo.

As mulheres possuem menores salários que os homens, e no futebol não é diferente. Se pensarmos em níveis técnicos, segundo o portal R7.com, a jogadora com mais prêmios individuais cedidos pela FIFA³, Marta⁴, ganha por ano cerca de 910 mil reais, menos que

³ *Fédération Internationale de Football Association* (Federação Internacional de Futebol), instituição mundial que dirige as associações de futebol, futsal e futebol de areia.

Messi⁵ ganha por mês, o valor anual do salário do jogador chega a mais de 40 milhões. TOLEDO (2008) alega que a desigualdade salarial entre homens e mulheres é muito praticada em todo mundo, apesar da desigualdade entre os sexos ser questionada.

Segundo um levantamento feito em 2014 pelo IPAM⁶, o craque português Cristiano Ronaldo⁷, melhor jogador da FIFA eleito em 2014 pela segunda vez, fechou o ano de 2014 com um salário de 17 milhões de euros e em 2014 com um faturamento anual de cerca de 15 milhões de euros, recebidos pelos direitos de imagem e inúmeros contratos publicitários com marcas nacionais e globais de diferentes patrocinadores, segundo a mesma pesquisa realizada em 2015 esse valor chegou a 23 milhões de euros, com um aumento de oito milhões em apenas um ano. Realidade que está distante de Marta que tem dois títulos de melhor do mundo a mais que o português. Essa diferença se deve a invisibilidade que é dada ao esporte feminino em geral.

Nas redes sociais Cristiano Ronaldo é a personalidade com mais seguidores no *Facebook*, com mais de 109 milhões, e no *Twitter* cerca de 40 milhões. Em 2014 eram 502 livros na *Amazon*⁸ em sua referência, além de ser citado em 23.744 artigos científicos. Como celebridade o jogador é associado à moda masculina, ocupando a 5ª posição de personalidade mundial no top 100 das estrelas do mundo da música, cinema, televisão ou moda. Todas essas referências geram capital em torno do atleta, que sempre está presente entre os mais bem pagos do mundo:

Nos vários ranking de receitas de desportistas a nível mundial encontramos nos primeiros lugares Floyd Mayweather (boxe), LeBron James (basquetebol), Roger Federer (Tênis) ou Phil Mickelson (Golfe). Os primeiros futebolistas deste ranking são habitualmente Cristiano Ronaldo, Lionel Messi e Zlatan Ibrahimovic. (IPAM The Marketing School, 2015, p. 12).

Cristiano é apenas mais um entre centenas de jogadores que recebem altos salários e direitos de imagem bem remunerados, assim como no futebol outros esportes pagam mais aos homens do que às mulheres, e são eles que ocupam as primeiras posições quando o assunto é sobre os valores que recebem.

⁴ Marta, considerada a maior jogadora de futebol brasileira, eleita cinco vezes como melhor do mundo pela FIFA.

⁵ Jogador argentino eleito quatro vezes pela FIFA, o melhor jogador do mundo, atua pelo Barcelona, da Espanha.

⁶ IPAM - Instituto Português de Administração de Marketing que atua nas cidades de Aveiro, Porto e Lisboa, desde 1986.

⁷ Jogador português eleito três vezes, pela FIFA, o melhor do mundo, atua pelo Real Madrid, da Espanha.

⁸ Amazon.com é uma empresa multinacional americana de comércio eletrônico.

2.2 Representações da atleta na mídia

HALL (2005) considera que nascemos em um mundo onde as culturas nacionais são as principais fontes da construção de uma identidade cultural, não integrante em nossos genes, mas que as pensamos como parte de nossa natureza. Assim é com o futebol brasileiro. Nascemos e crescemos no país do futebol, mas só quando se trata da modalidade masculina. Quando se fala do futebol feminino no país, as considerações não são as mesmas. O centro da discussão sobre o tema recai na falta de apoio e no sexismo existente no esporte, assim como na sociedade em geral.

Assim como o futebol feminino, pouco se fala de esportes praticados por mulheres na mídia, corrente que se segue no mundo acadêmico, “De uma forma geral, na literatura esportiva sobre o futebol existe uma ausência de registro histórico do futebol feminino no país.” (FREITAS, 2008, p. 01), fatos que podem ser facilmente ligados à falta de apoio e recursos que cerca este esporte desde sua chegada no Brasil. Na Europa, o futebol feminino fazia sucesso na década de 1920, mas alguns países europeus também passaram por dificuldades, a França teve regras especiais criadas para o futebol feminino, que não durou muito e logo as mulheres voltaram para as arquibancadas. Na Inglaterra foi a Primeira Guerra Mundial que ditou as “regras do jogo”:

Na Inglaterra, a popularidade aumentou durante a I Guerra Mundial, quando os homens foram à guerra e elas ficaram responsáveis pelos trabalhos tipicamente masculinos, incluindo os campos de futebol, realizando jogos beneficentes para arrecadar fundos para os soldados. O retorno dos soldados foi fatal para o futebol feminino. Restaurouse o papel antes imposto às mulheres, devolvendo-as para as arquibancadas. (MAROLO *et al*, 2002, p. 2).

O futebol espetacularizado gira notícias e propagandas ao seu redor, mas nem sempre foi assim. Apenas nos anos de 1920, o futebol começa a integrar as páginas dos jornais brasileiros e começa a chamar a atenção do público. O esporte dominado por homens inicia a sua profissionalização na década seguinte, e é nesse momento que as portas se abrem para os negros, periferias e classes mais baixas. Mas o preconceito racial era maior que a profissionalização e a “Liga Metropolitana do Rio de Janeiro, composta pela elite do futebol, decidiu proibir em seus estatutos a inscrição de ‘pessoas de cor’ por seus clubes filiados” (BEZERRA, 2008, p. 30). A imprensa reproduzia esse entre outros absurdos.

A imprensa durante o Estado Novo mostrava-se contra a prática, publicando cartas e matérias com opiniões de médicos, “O jornal Gazeta Esportiva publicou a opinião de um médico especialista em medicina esportiva que atestava a veracidade dos danos causados às

mulheres que jogavam futebol.” (MAROLO *et al*, 2002, p. 3). Uma das problemáticas, segundo a lógica masculina, era a subversão dos papéis que as mulheres causavam nos âmbitos sociais. Ao deixar o lar para praticar o esporte, elas se ausentariam das tarefas domésticas. Se a natureza feminina era cuidar da limpeza do lar e da educação dos filhos, ao homem era incabível essa ideia. E definitivamente o futebol não tem nada de doméstico, muito em decorrência da supremacia masculina sobre o esporte.

Assim como na Inglaterra, se a mulher, que era a responsável pelo lar, não se dedicasse mais a esse, começavam os questionamentos sobre quem o faria. As inglesas voltaram para suas casas com o fim da guerra, no Brasil as mulheres nem saíram, “Com receio de que os estereótipos de ‘rainha do lar’, ‘boa mãe’ e ‘boa esposa’ fossem deixados para trás, o governo recomendou que fosse realizada uma campanha de propaganda mostrando os malefícios do futebol para as mulheres,” (MAROLO *et al*, 2002, p. 3), mas que não chegou a ser lançada.

Contra as jogadoras, a revista Educação Física publicava artigos dizendo que as mulheres nunca alcançariam a perfeição do futebol masculino, caracterizando o esporte como anti-higiênico. Esse movimento iniciado por médicos higienistas era reproduzido nas aulas de Educação Física, que considerava que a prática do futebol por mulheres era prejudicial a sua saúde. O esporte era visto como uma modalidade de movimentos bruscos, portanto as mulheres, que possuíam a imagem da delicadeza feminina, devia evitá-lo.

Enquanto os homens jogavam futebol, elas eram restringidas a torcida, já que a prática, segundo médicos, "prejudicava" a saúde das futuras mães, que logo começou a ser pauta no âmbito jornalístico e grandes veículos de comunicação da época expunham opiniões contra as mulheres que praticavam o esporte:

Por tudo isso, a preliminar de São Paulo e América na noite de 11 de maio de 1940, no recém-inaugurado estádio do Pacaembu, causou enorme indignação em muita gente que acompanhava o futebol. Foi o caso de “Helênico”, colunista da Gazeta Esportiva, jornal da capital paulista: às vésperas da partida, por ele caracterizada como “verdadeiro atentado à educação física, ao esporte e mesmo à organização esportiva do nosso Estado”, seus brados clamavam por uma intervenção oficial da Diretoria Geral de Esportes no sentido de proibir a realização daquela exibição “cômica” (FRANZINI, 2005, p. 32).

A falta de investimento e de interesse do público não é uma invenção do século XXI. Segundo MOURÃO (2005), os ataques frequentes da imprensa influenciaram o fechamento de vários times. Sem estruturas e campeonatos no Brasil, os clubes tiveram que se virar para continuarem de portas abertas:

O Primavera F.C tentava alguns amistosos internacionais e outros clubes apelavam nas tentativas de obter visibilidade. Um desses clubes resolveu transformar suas jogadoras em dançarinas que usavam uniformes curtos e chuteiras. Isso foi fortemente noticiado e festejado quando as autoridades resolveram investigar esses “antros de perdição”, nome dado pela imprensa. Não tão distante da postura adotada por jogadoras espanholas que posaram nuas para a revista *Interviú* em busca de patrocínio, alegando que muitas delas precisavam de outros empregos para poderem se manter. (MAROLO, CASTRO, e GENNY, 2002, p. 3).

Durante a década de 1980, as matérias vinculadas na *Placar* sobre o futebol feminino associavam palavras mais “leves” às jogadoras de futebol, mas divulgavam opiniões de mulheres que se mostravam a favor do futebol feminino brasileiro. Muitas demonstravam interesse na profissionalização do esporte, em seus discursos, falas daquelas que queriam fugir da imagem de mulher frágil e feminina demais para praticar o esporte, estereótipo que a revista associava a elas:

Também nos anos de 1980 e 1990, a mídia impressa tenta com sucesso desmistificar a imagem masculinizada da esportista e veicula como estratégia do seu discurso a representação das musas esportivas na imagem de várias atletas femininas oriundas de diferentes esportes. Estas passaram a encarnar o ideal físico da mulher dos anos de 1980, que apresentava uma harmonia atlética em que a beleza da musculatura incidia mais nas curvas do que na hipertrofia. (MOURÃO, e MOREL, 2005, p. 80).

A seleção brasileira de futebol feminino em 2003 usou a então esposa do ex-jogador Ronaldo Fenômeno⁹, Milene Domingues¹⁰ como *marketing* da equipe para atrair mais atenção à modalidade no país no Mundial dos Estados Unidos em 2003, a atleta não foi convocada por suas habilidades e sim por uma tentativa de popularização:

No entanto, cabe ressaltar que a situação do FF é tão grave que ele ganha mais com a participação da Milene do que perde sem os critérios seletivos aplicados à sua convocação. Pois esta jogadora, mesmo possuindo condições desfavoráveis tecnicamente, traz para a seleção feminina visibilidade e tráfico de influência pela condição que ocupa como mulher, na vida futebolística do país, por ser casada com uma celebridade. (MOURÃO e MOREL, 2005, p. 83).

A mídia desempenha um papel de peso no campo do futebol, além de gerar renda aos cofres dos clubes é ela quem decide os horários de jogos, papel que deveria ser da instituição responsável pelo futebol brasileiro, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Ao determinar esses horários todos os outros meios de comunicação têm que se organizar para poderem cobrir os jogos. O espaço dedicado ao futebol feminino é raro. Campeonatos femininos não são transmitidos na TV aberta com regularidade, só em tempos em que estejam acontecendo eventos esportivos de grande apelo nacional, como as olimpíadas ou

⁹ Ronaldo Nazário de Lima foi um jogador brasileiro bi campeão da Copa do Mundo em 1994 e 2002.

¹⁰ Milene Domingues é apresentadora e comentarista, atuou como jogadora da seleção brasileira.

Panamericano. A rede de televisão Bandeirantes, nos últimos anos, é a que mais transmite competições do gênero, mas apenas circunstancialmente. Se a partida feminina acontecer no mesmo horário que uma partida masculina a rede de televisão dará preferência a que gera mais lucros: à masculina.

Enquanto vemos disputas de vários campeonatos masculinos na TV aberta, quando se trata de futebol feminino no Brasil temos apenas a seleção feminina principal, que possui maior reconhecimento em tempos de olimpíadas, ganhando grande cobertura da imprensa mundial. O espaço alcançado pelo futebol feminino na TV aberta é carregado de estereótipos por parte de seus comentaristas e narradores. As análises que são feitas extrapolam as quatro linhas. Comentários sobre o porte físico das jogadoras fazem parte das narrações, deixando suas habilidades com a bola no pé no esquecimento.

Na competição Copa Libertadores de Futebol Feminino¹¹ em 2009, uma das transmissões da rede Bandeirantes, o narrador Luciano do Vale e o comentarista Osmar de Oliveira fazem comentários sobre os estilos das jogadoras, reproduzindo os estereótipos midiáticos de beleza, deixando de lado o papel de narradores da partida. Luciano do Vale, em meio ao jogo faz uma pergunta à repórter Fabíola Andrade:

“[...] Fabíola Andrade, a mulher sempre tem algumas coisas interessantes para serem acrescentadas numa transmissão, por isso que eu acho que o nosso sexo oposto, que na verdade é o sexo... não é oposto, é que nos ajuda muito, é companheiro...você pode trazer algumas novidades das meninas? Qual é... O time da Bolívia é um time de bonitas? É um time de cabelo arrumado? Elas são vaidosas? Como é que é esse EnForme [sic] aí Fabíola?” (SANTOS, S. e MEDEIROS, 2012, p. 190).

Esse foi um de muitos comentários de Luciano do Vale, o que demonstra que mesmo transmitindo os jogos e repercutindo sobre a competição, os estereótipos em volta da beleza feminina falam mais alto do que suas habilidades táticas. Os comentários sobre o aspecto dos cabelos soltos ou presos se repete, a todo o momento na narração da partida. Segundo MOSCOVICI (2007) as representações que são sustentadas pelas influências da comunicação servem como principal meio para estabelecer associações que os indivíduos fazem em relação ao outro, logo ao reproduzirem determinado discurso esses comunicadores estão reforçando a imagem da mulher como uma mercadoria.

O corpo feminino no espaço do futebol passa por erotizações para atrair público. As propagandas feitas em volta da modalidade feminina prometem a beleza das mulheres como

¹¹ A Copa Libertadores de Futebol Feminino de 2009 foi a primeira edição da competição e foi realizada pela Confederação Sul-Americana de Futebol, sagrando campeão o time brasileiro Santos Futebol Clube.

um atrativo à parte do espetáculo. GOLDENBERG (2006) em sua pesquisa, realizada com homens e mulheres das camadas médias cariocas, constatou que o corpo está presente no discurso de desejo tanto feminino quanto masculino. Os homens quando questionados sobre o que mais lhes atrai em uma mulher responderam que a beleza, a inteligência e o corpo (GOLDENBERG, 2006, p. 118):

O apelo à beleza das jogadoras e a erotização de seus corpos tem como um dos pilares de sustentação o argumento de que, se as moças forem atraente, atrairão público aos estádios e, portanto, ampliarão os recursos captados com os jogos, propagandas, produtos e serviços a girar em torno da modalidade. Atrairão, sobretudo, patrocinadores cuja ausência é comumente apontada pela mídia esportiva como um dos grandes problemas do futebol feminino no Brasil. (GOLDENBERG, 2006, p. 147).

As mulheres que apitam não fogem à estereotipação do corpo feminino. Em clássico mineiro pela quarta rodada do campeonato brasileiro de 2014, na época o gerente de futebol do Cruzeiro Esporte Clube, Alexandre Mattos, manifestou a imprensa sua insatisfação com a arbitragem da assistente Fernanda Colombo Uliana, após marcar impedimento de jogada do time celeste. Em suas reclamações, Mattos proferiu palavras de baixo escalão, em referência à bandeirinha, que segundo ele ganhou seu espaço dentro do futebol graças a sua beleza, e não pela sua competência para poder atuar em jogos importantes. Mattos chega a dizer que a bandeirinha devia posar nua para uma revista masculina, “mas que ainda precisa melhorar tecnicamente para trabalhar com futebol.” (reportagem retirada do site globoesporte.com, 11/05/2014), segundo o dirigente os erros de arbitragem contra o clube estavam recorrentes no campeonato:

“Quarta rodada, e quarta vez prejudicado. O Cruzeiro foi prejudicado contra o Bahia, prejudicado contra o São Paulo, contra o Atlético-PR e hoje também. E não acontece nada, a gente vêm fazendo reclamação, vem mandando fita pra ele e não vem acontecendo nada, pela quarta vez. A gente pega essa bandeira bonitinha. Se ela é bonitinha, que vá posar na Playboy, no futebol tem que ser boa de serviço. Ela não tem preparo, os caras gritam e ela erra.” (Mattos detona arbitragem de musa em clássico: "Ela não tem preparo", Reportagem retirada do site globoesporte.com, 11/05/2014).

Mattos não é o primeiro que mostra sua “indignação” com os erros de arbitragem, o problema é a reprodução do discurso machista que foi feito pelo dirigente. Esses erros já fazem parte do futebol, mas a diferença de insultos que são direcionados, para um homem e para uma mulher, se tornam claros na mesma entrevista. Ao se referir ao árbitro da partida, Héber Roberto Lopes¹², Mattos declara que a atuação do árbitro foi “anormal” e “estranha”.

¹² Héber Roberto Lopes integra o quadro da Federação Internacional de Futebol da FIFA desde 2002.

A própria manchete do site globoesporte.com reforça estereótipos: “Mattos detona arbitragem de musa em clássico: ‘Ela não tem preparo’”. Diretor do Cruzeiro acredita que erro da assistente foi anormal e reclama da reincidência dos problemas do time com a arbitragem no Campeonato Brasileiro”. O uso do adjetivo “musa” já é carregado de um discurso de valorização do corpo da mulher como objeto de consumo, ao invés de a reportagem problematizar as palavras do dirigente, ela reproduz um padrão de beleza, ao não problematizando a questão não cumpre seu papel informativo.

Atualmente o futebol mundial tem a hegemonia de dois jogadores: o português Cristiano Ronaldo e o argentino Lionel Messi, ambos vêm ganhando o título de melhor jogador do Mundo nos últimos oito anos. Cristiano possui três conquistas e Messi cinco, ambos vivem nas páginas dos jornais, sempre são citados por assuntos relacionados as suas vidas dentro e fora de campo. Chegaram até a serem alvos de estudos científicos. A pergunta que rege, nos últimos anos no futebol internacional, é sobre quem é o melhor da atualidade, no entanto, se ampliarmos essa pergunta, outra jogadora deveria entrar em questão: Marta. Essa atleta possui cinco títulos de melhor jogadora do mundo, cedido pela FIFA, mesma quantidade que Messi, porém, tem menos visibilidade do que o jogador do Barcelona.

GOELLNER (2005), alerta que mesmo com a crescente presença das mulheres no esporte no Brasil, a situação tem que ser avaliada com cautela, sendo perceptível a significativa minoria feminina em torno do futebol. Poucas mulheres administram cargos nos clubes, que em sua maioria possuem treinadores, o que é o caso da seleção brasileira de futebol feminino. Segundo a autora:

Esta diferença pode ser identificada nas mais diversas instâncias onde se praticam as atividades corporais e esportivas, tais como, nos Jogos Olímpicos, nos clubes esportivos, nas atividades escolares, nas áreas de lazer, na presença em estádios e ginásios como espectadoras e também nos meios de comunicação de massa, que destinam aos atletas homens maior destaque e projeção. (GOELLNER, 2004, p. 5 e 6).

GASTALDO (2010) argumenta que o "espetáculo futebol" tem que ser vendido e rapidamente, a prova disso são as transmissões de campeonatos masculinos, que são cheios de propagandas de patrocinadores. Os clubes recebem milhões em direitos de transmissão de seus jogos, sem contar o *merchandising* nos uniformes dos times, na sala de imprensa dos clubes e os cachês por torneios ganhos. No futebol feminino essa disposição financeira não existe. Os salários dos jogadores chegam à casa dos milhões, as transações são mais caras, rendem mais lucros aos clubes. O futebol masculino possui maior visibilidade, é mais

assistido e movimenta uma receita muito maior que o feminino, em que os incentivos privados são poucos, quando existem.

FIRMINO e VENTURA (2013) consideram que os meios de comunicação criam imagens sobre as atletas na tentativa de uma inserção midiática e ao optarem por uma determinada linguagem são responsáveis pelas naturalizações estereotipadas acerca das atletas. Muitas das representações feitas sobre mulheres atletas associam seus músculos ao biotipo masculino, basta pensar que Marta eleita cinco vezes a melhor jogadora pela FIFA é sempre comparada ao Pelé¹³, sendo muitas vezes chamada de o Pelé de saias:

É possível identificar, portanto, que existe uma tentativa de firmar o conceito de “mulher-atleta” masculinizada e forte, cujo desempenho se assemelha ao do homem, assim como o da valorização da beleza estética e das curvas que atribuem a ela um caráter sensual, como se estar enquadrada em um perfil excluísse a possibilidade de possuir qualquer característica do outro. Isso contribui para o surgimento de extremos que “coisificam” a mulher e a transformam em um produto de sua própria condição física, realidade em que, muitas vezes, a atleta bonita e atraente acaba ganhando mais visibilidade que a detentora da melhor qualidade técnica. (FIRMINO e VENTURA, 2013, p. 5).

Em 2014, o Brasil sediou a maior competição de futebol entre seleções, a Copa do Mundo FIFA¹⁴. Nas partidas da seleção brasileira era notável como o sentimento de nacionalidade estava estampado nos rostos dos torcedores brasileiros presentes nos estádios, o Hino Nacional era cantado com muita vibração, aliás, a única época do ano em que os brasileiros cantam com tanto entusiasmo o hino são em tempos de Copa do Mundo. Certamente uma pequena porcentagem dessa população, que foi aos estádios durante a Copa do Mundo, compareceu ou acompanhou o Torneio Internacional de Futebol Feminino de Brasília¹⁵ (transmitido pela Rede Bandeirantes), que consagrou a seleção feminina de futebol como pentacampeã da competição e que aconteceu no mesmo país da Copa. Nesse evento esportivo não houve grandes patrocinadores, ou sequer ocorreram protestos da população, a falta de publicidade massiva em torno da seleção feminina pode ser considerada um fator da não popularidade do torneio no Brasil:

Na Copa do Mundo, uma espécie de “alma brasileira” une o país todo em torno de uma atividade, o futebol. Esta alma brasileira instiga a maioria a driblar os problemas da vida numa busca incessante por vitória. O nivelamento das pessoas de classes sociais, sexo, etnia, religião, e regiões distintas, fazem com que haja uma integração contra um “inimigo comum”. Já não há a separação do que é do povo e o

¹³ Edson Arantes do Nascimento, tri campeão mundial pela seleção brasileira, é considerado o maior jogador de todos os tempos.

¹⁴ Maior competição de seleções do mundo, torneio realizado a cada quatro anos, com um total de 32 seleções.

¹⁵ Torneio feminino realizado na cidade de Brasília.

que é da elite. É a democracia do futebol vencendo os adversários sociais, a exposição nítida do verdeamarelismo. (BEZERRA, 2008, p. 25).

Para o futebol “O que vale é a aparência, é o que é formado através das imagens e o quanto de retorno financeiro e aumento de audiência estas imagens conseguem trazer.” (BEZERRA, 2008, p. 67), neste intuito o corpo feminino passa por uma erotização com fins comerciais. A televisão tem um papel de peso nessa comercialização, pois é ela quem vende, a partir de seus patrocinadores e produtos de entretenimento, estereótipos de beleza e comportamento social. Logo, quando uma partida é transmitida é possível ouvir comentários em torno da beleza - ou a falta dela - das jogadoras:

A comunicação televisiva é um fator muito presente na sociedade contemporânea e aliada ao futebol, que como vimos é um fenômeno cultural e social faz com que esta parceria renda grandes índices de audiência para as emissoras. Por isso cada vez mais existe a preocupação com a iluminação, cor, definição, enquadramento, movimento e colocação das câmeras, cortes, edição, replay e equipamentos de última geração. Nas transmissões esportivas vemos placas, faixas e painéis, estrategicamente colocados no ângulo de visão da TV. As camisetas dos atletas esportivos também têm espaços reservados para o nome dos patrocinadores. Tudo é pensado como forma de espetáculo e faz parte da indústria que o esporte movimenta. (BEZERRA, 2008, p. 78).

Em entrevista para o jornal canadense *The Globe and Mail*, o diretor do futebol feminino da Confederação Brasileira de Futebol, Marco Aurélio Cunha causou polêmica ao declarar que atualmente as jogadoras estão ficando mais bonitas, pois estão passando maquiagem. É evidente que a frase do dirigente repercutiu nas redes sociais, ao ser acusado de machista ele respondeu da seguinte maneira:

“Se quiser entender como machismo, é machismo. Estamos falando de esporte. Esporte não tem que se misturar com isso. Elas são mulheres e sendo mulheres. Não é gênero, não é nada. São mulheres. Ou pode entender como uma forma diferente delas se apresentarem. O uniforme antigamente era horrível, esta nova camisa azul está sendo cobiçada por todo mundo. O que eu falei foi isso”. (<http://www.revistaforum.com.br/>. “Agora os shorts são mais curtos”: Dirigente da CBF é acusado de machismo. 2015).

Em sua fala o dirigente isenta o esporte de discutir o assunto, alegando que ambos não devem se misturar, anulando-o como fator social de grande valor simbólico e político. Ao dizer que as jogadoras antes se vestiam como homens e lhes faltava feminilidade, Marco Aurélio deixa explícito a tentativa de “melhorar a imagem” do esporte no país através do corpo feminino, os cabelos arrumados e os shorts mais curtos se tornam um atrativo a mais:

Agora, as mulheres estão ficando mais bonitas, passando maquiagem. Elas vão a campo de uma maneira mais elegante. Futebol feminino costumava copiar o futebol masculino. Até nos modelos de camisa, que era masculino. Nós vestíamos as

meninas como garotos. Então faltava o espírito de elegância, de feminilidade. Agora os shorts são mais curtos, os cabelos são bem feitos. Não são mulheres vestidas como homens. (<http://www.lancenet.com.br/>. Declaração de Marco Aurélio Cunha gera polêmica no futebol feminino. Dirigente teria afirmado, em entrevista a jornal canadense, que 'agora as mulheres (jogadoras) estão ficando mais bonitas, passando maquiagem').

BEZERRA (2008) argumenta que atualmente as informações se apresentam como um produto que é associado à publicidade, ao consumo e ao entretenimento, como decorrência deixa de cumprir sua missão de informar, portanto é mais viável ao meio jornalístico falar sobre o catastrófico 7 a 1¹⁶ masculino do que sobre a goleada de 7 a 1¹⁷ da equipe feminina. Uma página da *web* que noticiou o jogo classificou a goleada como “um troco”, mas em seguida lembra que é apenas a equipe feminina no Pan, chegando a tratar a notícia como uma brincadeira, resultando em mais uma comparação com a modalidade masculina.

MAROLO (2010) *et al* consideram que a imprensa em conjunto com a opinião pública contribuiu de forma direta para a atual situação do esporte feminino, resultado da proibição da prática esportiva, iniciada de forma jurídica no governo de Getúlio Vargas em 1940, e que ganhou forças através de publicações em revistas e jornais.

A falta de holofotes em volta dos torneios femininos demonstra como o futebol praticado por mulheres é desvalorizado por muitos. O esporte mais praticado no Brasil é reinado pelo mundo masculino, os espaços alcançados pelos homens dentro do futebol são intocáveis. Basta observar a mídia de uma forma geral, a televisão aberta do país modela sua programação futebolística de forma em que os homens possam desfrutá-la, os programas esportivos contam com temas masculinos, tendo em seus patrocínios produtos voltados para este público.

No próximo capítulo, entra em questão a educação da mulher no Brasil. As ideias de educação voltadas para o lar, demonstram como a influência causada pelo sistema educacional reflete a desigualdade de gênero dentro da sociedade, seja no mercado de trabalho ou no futebol feminino.

¹⁶ No dia 08 de julho de 2014, pela semi final da Copa do Mundo, a seleção Alemã goleia o Brasil por 7 a 1, no estádio Mineirão.

¹⁷ No dia 16 de julho de 2015, pela fase de grupos no Panamericano, a seleção feminina venceu o Equador por 7 a 1, no Canadá.

3. História da Educação Feminina no Brasil

Desde o início das civilizações, sobre as mulheres recaem uma carga devido ao seu sexo. No campo educacional não foi diferente, nos tempos do descobrimento do Brasil, a Colônia teve suas primeiras instituições de ensino regidas por entidades ligadas ao catolicismo. Em 1549, a primeira escola que ensinava a ler e escrever, era regida pelos jesuítas, que deixavam claro a intenção da formação cultural da elite branca e masculina. "As mulheres logo ficaram exclusas do sistema escolar estabelecido na colônia. Podiam, quando muito, educar-se na catequese. Estavam destinadas ao lar: casamento e trabalhos domésticos, cantos e orações, controle de pais e maridos". (STAMATTO, 2002, p. 2).

Durante os séculos XVI e XVII, a educação era voltada para uma formação moral e de bons costumes, tendo como influência a educação dos filhos e cuidados com o marido, instituições como a Igreja, o Estado e a imprensa eram a principal fonte de disseminação dessas condutas para as mulheres, que se resumiam aos afazeres domésticos. A entrada de meninas em sala de aula só foi permitida na segunda metade do século XVIII, nesse período surgem as escolas de tempo integral, com o intuito de uma educação com princípios religiosos. Essas classes eram separadas, dividindo as turmas por sexo. As classes femininas eram ministradas por mulheres e as dos meninos por homens. Os jesuítas não lecionavam mais as aulas, passando-as para o Clero, e algumas mulheres começaram a ter uma opção de ofício, o magistério público:

Em 1755, o governo português determinou que a direção das povoações jesuíticas passaria ao clero regular e que deveria haver duas escolas de ensinar a ler e escrever: uma para os meninos e outra para as meninas. Originalmente esta lei era restrita ao Norte do país, entretanto, em 1758, pelo alvará de 17 de agosto estas normas foram estendidas a todo território brasileiro. Em 1772, a administração pombalina empreendeu a reforma dos Estudos Menores, criando a Diretoria Geral de Estudos, subordinada ao rei, proibindo o ensino particular sem permissão desta Diretoria, controlando o conteúdo do ensino e os livros didáticos, através da Real Mesa Censória, e criando as famosas aulas régias, pagas pelo subsídio literário - imposto também criado nesta reforma - especialmente destinado ao pagamento do magistério. Surgia a figura do professor / professora público(a). (STAMATTO, 2002, pág. 4).

O século XIX continua marcado por uma ordem patriarcal e com os ensinamentos voltados para o lar, privando as mulheres de espaços públicos, associando-as a imagem de frágeis e pouco inteligentes. Consideradas propriedades dos homens, as mulheres tinham o acesso às escolas negado. Quando a Corte Portuguesa chegou ao Brasil em 1808, as

preocupações com o ensino se limitavam a formação de quadros para a administração e o exército:

Na esteira da forçada urbanização da Capital, abriram-se inúmeros cursos de ensino superior, para homens, na Corte e em alguns outros lugares do país. Para o ensino elementar, o número de escolas de ler e escrever, pagas com o erário real foi aumentado em todas as províncias, sem isto caracterizar escolarização para a maior parte da população. Eram algumas dezenas de escolas abertas tanto para o sexo masculino, em sua maioria, como também para o sexo feminino. (STAMATTO, 2002, pág. 4)

A entrada de meninas em escolas não foi um exercício de uma educação diferente àquela que se aplicava até então. A tradição de ensinamentos voltados ao lar e cuidado com a família não caíra com o passar dos séculos, muito pelo contrário, agora havia espaços em que essa reprodução de valores atingiria seu ápice, tornando-se mais fácil de reproduzir, “No final do Império, os currículos das escolas femininas ainda eram dedicados ao trabalho doméstico. Eram comuns atividades como corte e costura bordados, desenho e música. Com isso, pouco espaço era reservado ao ensino de caráter intelectual para as meninas e moças.” (AUAD, 2006, p. 66), o que não foi diferente com o século XIX.

As escolas públicas da colônia se prestavam a ensinar às meninas atividades com preceitos domésticos, doutrinas que seriam aplicadas apenas dentro de casa e em função dos filhos e marido, como exemplo a costura, culinária e bons modos, já que a elas não era permitido uma vida pública e social aberta, processo este seguido também no Império. O objetivo era manter as ordens das coisas, as mulheres com pouca escolaridade e os homens como provedores do lar e detentores do poder social e político:

Desde o período colonial – iniciado no “Descobrimento”, em 1500, e com término em 1822, quando do “rompimento” com Portugal e a instalação do Império – é possível notar um sistema social que impunha dificuldades às mulheres. Elas viviam reclusas e, geralmente, em estado de *indigência cultural*. Havia um temor generalizado, na sociedade da época, quanto ao aprendizado da leitura e da escrita pelas meninas. A instrução das moças poderia resultar, segundo os pais, em desonra. Esta varia sob a forma de bilhetes para namorados e na leitura de livros considerados impróprios para as mulheres. (AUAD, 2006, p.64).

O modelo de instituições de ensino ainda separava meninas de meninos, as lições em alguns pontos eram iguais, como contar, ler e escrever, além da doutrina cristã. Os meninos que futuramente seriam os chefes de família aprendiam noções que seriam úteis nas carreiras profissionais. As meninas só teriam acesso ao “ensino das pedagogias” (LOURO, 2010, p. 444), o que causava uma diferença de salários em relação aos homens, que aprendiam noções

geométricas, aumentando sua remuneração salarial, logo, para as mulheres os ensinamentos de ofícios relacionados ao lar ainda eram prioridade de sua educação:

Desde menina era ensinada a ser mãe e esposa, sua educação limitava-se a aprender a cozinhar, bordar, costurar, tarefas estritamente domésticas. Carregava o estigma da fragilidade, da pouca inteligência, entre outros que fundamentava a lógica patriarcal de mantê-la afastada dos espaços públicos. A negação de outros espaços além da casa/quintal a afastava também da educação formal, não sendo permitido o acesso à escola. (LOURO, 2010, p. 444).

GUIMARÃES (2008) considera que o movimento feminista começa a surgir e as mulheres começam a reclamar por seus direitos, que vão desde ter direito ao voto, até frequentar um curso superior. Com a proclamação da República, o país se torna laico e a educação sofre algumas modificações, no entanto, a ideia de ensinamentos voltados para o lar e a família ainda era presente nas instituições.

No século XX, além do gênero, questões relacionadas às classes sociais definiam os caminhos da educação feminina no Brasil. Nas classes mais baixas, um movimento por parte de grupos anarquistas e socialistas iniciava-se em torno da educação de suas filhas, vista como libertária para a mulher. Meninas provindas das classes altas tinham acesso ao ensino de matemática, que era complementado com noções de piano e francês. As moças tinham aulas regidas por professoras particulares ou instâncias religiosas. LOURO (2010) argumenta que esses elementos de ensino para moças serviam para torná-las companhias agradáveis para seus maridos e para serem capazes de se portarem perante a sociedade:

O domínio da casa era claramente o seu destino e para esse domínio as moças deveriam estar plenamente preparadas. Sua circulação pelos espaços públicos só deveria se fazer em situações especiais, notadamente ligadas às atividades da Igreja que, com suas missas, novenas e procissões, representava uma das poucas formas de lazer para as jovens. (LOURO, 2010, p. 446).

Ao se referir às aulas de Educação Física no início do século XX, SOUZA. E. (1994) considera que as classes mistas eram fomentadoras de uma hierarquização e diferenciava os alunos pelo sexo, ressaltando o ideal de inferioridade feminina. Mesmo com as aulas sendo mistas, as aulas de Educação Física eram separadas, para as meninas, professoras e para os meninos professores. Enquanto os meninos praticavam esportes de contato, as meninas praticavam dança e ginástica. Logo essas aulas de Educação Física ganhavam outro sentido:

Essa disciplina curricular estava incumbida, não só de preparar homens e mulheres para o mundo do trabalho, mas também, para que cumprissem, com êxito, seus papéis na família. Aos homens, a saúde, a força, a coragem e a disciplina, atributos necessários ao cumprimento dos seus deveres como provedores da família. Às mulheres, a saúde, a disciplina e a beleza que as tornariam capazes de gerar uma

raça forte, de educar seus filhos, de executar as tarefas domésticas e, ainda de “encantar” pela graciosidade. (SOUZA, 1994, p. 82).

A constituição do caráter da mulher era considerada mais importante do que sua instrução, “sendo suficientes, provavelmente, doses pequenas ou doses menores de instrução” (LOURO, 2010, p. 446), já que o dever e lugar da mulher eram destinados à vida do lar, como mãe e educadora das gerações futuras, logo sua moral tinha que ser límpida e com bons princípios. Com uma imagem positiva sobre ideias científicas, novas disciplinas começaram a fazer parte do currículo, tais como a puericultura, psicologia ou economia doméstica.

Com a necessidade de moças honestas para regirem as turmas de meninas, o magistério começa a se tornar uma profissão para as mulheres, que antes eram regidas por homens e instituições religiosas, em sua maioria católica. No entanto, a profissão docente da mulher causava na sociedade discussões, uns se mostravam contra, argumentando que as mulheres eram incapazes de ministrar o ensino das crianças, e assim como o clero “viviam voltados para o passado” (LOURO, 2010, p. 450). Outros viam com naturalidade a mulher como primeira educadora, sendo mais confiável entregar a elas a educação das crianças, já que “a docência não subverteria a função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la ou sublimá-la.” Porém, com a crescente saída de meninos das classes, o número de mestres diminuía, logo, as mulheres começaram a ministrar as turmas de meninos.

A moral da mulher era vista como um fator importante em meio à profissão. As professoras deviam ser modelos de comportamento para as meninas. Suas vestimentas deviam ser discretas. Os ensinamentos passavam desde ler e escrever até como se comportar socialmente. “Aprendiam-se os gestos e olhares modestos e descentes, as formas apropriadas de caminhar e sentar.” (LOURO, 2010, p. 461). Em torno destes ensinamentos, investimentos políticos sobre o corpo tanto para as alunas quanto para as mestras:

Através de múltiplos dispositivos e práticas ia-se criando *um jeito de professora*. A escola era, então, de muitos modos *incorporada* ou *corporificada* pelas meninas e mulheres - embora nem sempre na direção apontada pelos discursos oficiais, já que essas jovens também constituíam as resistências, as subversões dos regulamentos, na transformação das práticas. (LOURO, 2010, p. 461).

Para as mulheres o século XX marca a possibilidade de mudanças sociais. A recém formada República se torna laica, como consequência as instituições de ensino católicas deixam de ser a principal fonte de instrução no país. Posteriormente, a ascensão do feminismo

e a entrada da mulher do mercado de trabalho se tornam um caminho pelo qual a instrução possibilita a independência das mulheres em relação aos pais e maridos.

O período republicano em uma tentativa de economizar recursos implanta a Escola Nova que, graças à organização sustentada em escolas mistas, visava um ensino obrigatório, leigo, misto e gratuito. No que diz respeito aos cofres públicos esse modelo garantiria menores custos que possibilitariam a implantação desse padrão. No entanto, o que se encontra nesse modelo de ensino são as antigas ideias com grandes retrocessos quanto à educação das mulheres, uma vez que, ainda era reproduzida a mentalidade de que as mulheres careciam de proteção e deveriam ser bem comportadas, não importando sua instrução ou possibilidades profissionais.

Em relação a escola Mista AUAD (2006) alerta que esse sistema é uma controvérsia em relação ao seu modelo, e mesmo que a escola não separasse mais as turmas por sexo as diferenças não foram rompidas, e que na verdade esse modelo “seria apenas uma das muitas medidas necessárias para implantar uma política pública co-educativa” (p. 60). Ainda segundo a autora as especificidades regionais de teor político e de religião cristã contribuíram para essa desigualdade ao longo do tempo, sendo legitimada por outras instâncias e doutrinas.

Com a diminuição de meninos nas escolas, processo que era vinculado à urbanização e industrialização, a escola normal torna-se um espaço cada vez mais frequentado por meninas, transformando-as em professoras, o que LOURO (2010) denomina como “feminização do magistério”. Apesar da crescente presença de mulheres na escola pública, os cargos administrativos ainda eram ocupados por homens. Assim, “reproduzia-se e reforçava-se, então, a hierarquia doméstica: as mulheres ficavam nas salas de aula, executando as funções mais imediatas do ensino, enquanto os homens dirigiam e controlavam todo o sistema.” (LOURO, 2010, p. 450).

Se até então o trabalho feminino era visto como um ultraje, o magistério e a enfermagem eram aceitados enquanto as moças fossem solteiras, devendo ser abandonado assim que elas se casassem, “o trabalho devia ser exercido de modo a não afastar da vida familiar, dos deveres domésticos, da alegria da maternidade, da pureza do lar.” (LOURO, 2010, p. 453), uma vez que, cabia ao homem sustentar a família, ação essa que era vista como um sinal de masculinidade.

No final dos anos 1970, as professoras estavam abandonando a imagem de doação e entrega que as cercavam. A profissão não tinha mais um caráter de “preparação” para o

matrimônio, sua importância como sustento familiar e pessoal só aumentava, exigindo assim melhores salários e melhores condições de trabalho. A sociedade destinava à mulher a maternidade como seu principal papel, alegando que essa era a natureza feminina, juntamente com os afazeres domésticos de sua responsabilidade. Segundo PINSKY (2010), “na ideologia dos anos dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina” (p. 609).

A escola exerce o papel de legitimadora, o lugar que deveria ser de igualdade acaba por diferenciar ações masculinas e femininas. Segundo DINIZ (2006) “Ao se referirem a meninos e meninas sempre no discurso masculino, as mulheres professoras perpetuam a invisibilidade do ser mulher e seguem transmitindo o caráter machista” (p, 51). Os meninos tem a preferência pelo futebol, são eles que escolhem os componentes do time, são a eles destinados à escolha do “par ou ímpar”, assim a escola não exerce um papel de igualdade, mas classifica seus frequentadores. “A escola deve ser um espaço privilegiado de construção dos significados éticos necessários e constitutivos de toda e qualquer ação de cidadania, promovendo discussões sobre a dignidade, igualdade de direitos, recusa de formas de discriminação e importância da solidariedade.” (DARIDO, 2002, p. 38).

Apesar da crescente participação feminina no mercado de trabalho, a desigualdade entre os sexos permanece na sociedade, por vezes sendo tratada com naturalidade por diversas instâncias sociais. A falta de investimento na educação feminina potencializou a reprodução do machismo em diversos âmbitos. BOURDIEU (2014) constata que a educação primária (BOURDIEU, 2014, p. 83) estimula meninos e meninas de forma diferentes, favorecendo o sexo masculino, e que os professores gastam mais tempo e dão mais atenção a eles.

Com a profissionalização das mulheres, uma nova ruptura era causada: a dependência direta do marido. Se para as mulheres essa quebra era um passo à frente, para os homens causava a "perda da feminilidade e dos privilégios do sexo feminino - respeito, proteção e sustento garantidos pelos homens” (PINSKY, 2010, p. 624).

As mulheres são associadas com elementos considerados inferiores, vivendo em uma sociedade organizada de cima para baixo, onde segundo BOURDIEU (2014), há uma oposição entre o lugar do feminino e do masculino, ou até mesmo o público (homem) contra o privado (mulher), sempre elevando o homem às posições mais altas. “A oposição entre os sexos se inscreve na série de oposições mítico-rituais: alto/baixo, em cima/embaixo, seco/úmido, quente/frio” (BOURDIEU, 2014, p. 33). Em seu livro “A Dominação

Masculina”, o sociólogo faz uma analogia entre a sociedade Cabília e a Dominação do homem sobre a mulher, baseando-se em exemplos duais, opondo ambos os sexos, em que as mulheres são associadas ao antônimo considerado mais fraco, em contrapartida os homens são ligados ao lado mais prestigiados (fraco = mulher, forte = homem).

Em seus mais de 500 anos, o Brasil perpetuou um sistema educacional que privilegia o sexo masculino em detrimento do feminino, DINIZ (2006) esclarece que historicamente a educação feminina está ligada à profissão docente e que socialmente a elas era dado o papel de mãe, estereotipando suas ações dentro da sociedade. Com o ingresso das mulheres em escolas e instituições de ensino superior, o mercado de trabalho, antes masculinizado, começa a abrir espaços para as mulheres, que não percebem os estudos apenas como um complemento social ou uma preparação para o casamento, mas como uma oportunidade de mudança de vida.

Os espaços privados que antes lhe eram determinados socialmente, deixam de ser uma exclusividade para o sexo feminino. Logo, as profissões ligadas ao sexo masculino começam a ser ocupadas também por mulheres, a enfermagem não é a única carreira na área da saúde em que as mulheres teriam acesso e a medicina se torna possível ao imaginário feminino.

O capítulo seguinte trás como tema a sociabilidade do futebol feminino brasileiro, fazendo uma retrospectiva das lutas de atletas em prol da modalidade, alçando como a estrutura do esporte segrega mulheres, seja como atletas ou torcedoras, visto que são questionadas a todo o tempo por ocuparem lugares que socialmente são creditados aos homens.

4. Sociabilidade e história do Futebol Feminino no Brasil

Em 1894, o brasileiro filho de ingleses, Charles Miller ¹⁸, depois de dez anos na Inglaterra, retorna ao Brasil com bolas, uniformes, chuteiras e algumas regras do *football* em sua bagagem. Foi aí que o esporte nasceu no Brasil. Mais de um século depois, o futebol é visto como a maior expressão da cultura brasileira, isso porque, quem o pratica não precisa ter uma habilidade como a de Marta ou Cristiano Ronaldo, nem precisa ter como palco estádios como o *La Bombonera* ¹⁹ ou Mineirão²⁰, ou se quer necessita de grandes holofotes. Quem joga porque gosta, o faz sem saber fazer gol de placa, joga na rua de casa ou na escola.

No Brasil, o futebol passou por estágios de transformações sociais ao longo de sua história. RINALDI (2000) argumenta que o futebol foi e continua sendo um importante elemento de nossa cultura, e que "enquanto fenômeno social, sempre esteve muito em consonância com a forma de a sociedade se organizar, assim como outros elementos da cultura popular – carnaval, arte, religião, música e outros" (RINALDI, 2000, p. 167-168).

Esses estágios de transformações sociais do esporte no Brasil englobam ambos os sexos e diferentes classes sociais. A primeira partida de futebol, este que vemos hoje, em terras brasileiras foi realizada em 15 de abril de 1895²¹, entre funcionários ingleses de duas companhias da Inglaterra. O futebol só veio a ser praticados por brasileiros tempos depois, visto que sua introdução no Brasil se deu, em seus primeiros anos, com ingleses.

No início do século XX, quando os brasileiros já praticavam o esporte, o futebol tornou-se elitizado, selecionando quem podia praticá-lo ou não. Classes sociais consideradas inferiores, negros e mulheres eram excluídos das partidas, de acordo com LUCAS (1998):

O futebol nasce elitista e racista em 1894, seis anos após a Abolição da Escravatura. Praticado apenas pelos ingleses e seus descendentes, estudantes brasileiros do College Mackenzie, logo foi sendo praticado também por outros membros da elite. Em 1897, o alemão Hans Nobiling organiza um time e rompe com a exclusividade dos britânicos. Aos poucos foram se organizando os primeiros clubes e em 1902 aconteceu o primeiro Campeonato Paulista, com a participação de apenas cinco clubes. Todos eles formados apenas por jogadores amadores originários da elite paulistana da época. Nenhum jogador negro ou mesmo pobre atuava em algum clube. (LUCAS, 1998, p. 37).

¹⁸ MOSCA, H. M. B. A História do Futebol: um espelho da História do Brasil, pág. 55.

¹⁹ Oficialmente Estádio Alberto J. Armando, é o estádio do Club Atlético Boca Juniors, localizado em Buenos Aires, Argentina.

²⁰ Estádio Governador Magalhães Pinto, atualmente tem como mandante dos seus jogos o Cruzeiro Esporte Clube e está localizado em Belo Horizonte.

²¹ THÉRY, Hervé. Futebol e hierarquias urbanas no Brasil. 2006, p. 7.

Para RODRIGUES (2002), “O elitismo é uma marca do nascimento do futebol no Brasil.” (p.1), sua meteórica ascensão no país não abraçava seu povo. Mesmo em seu início em terras tupiniquins, os termos e jogadas eram em língua inglesa, indicando que o futebol era uma exclusividade da elite. Em lances faltosos as desculpas deveriam ser pedidas em inglês, isso “porque os termos esportivos, na época, faziam referências às línguas estrangeiras, mais especificamente ao inglês. Isso podemos notar em relação aos termos: *córner*, *pênalti*, e outros tão usuais no futebol.” (BEZERRA, 2008, p. 34). Outras palavras como *score*, *half-time* e *match*, eram usadas oficialmente no Brasil.

Se o futebol se tornou elitizado, trouxe consigo um movimento de exclusão que atingiu as mulheres. Não importava qual classe ou cor de pele, a prática por elas não era bem vista pela sociedade da época. As mulheres que trabalhavam fora, ou que de alguma forma se expunham socialmente, eram associadas com a imoralidade, por vezes vistas como prostitutas. Isso porque, às mulheres foi definida uma imagem de maternidade, portanto qualquer prática considerada masculina ou que marcasse os corpos femininos era vista como inadequada.

A tentativa da prática do futebol feminino no século XX enfrentou muitos problemas e preconceitos. A popularização do esporte praticado por mulheres era vista como uma inversão de papéis dentro da sociedade e segundo médicos da época, o futebol, fisicamente, era prejudicial ao corpo feminino e socialmente prejudicial ao modelo que a mulher exercia dentro da sociedade como mãe e mulher de delicadeza:

Além do machismo e do moralismo que essas ditas preocupações com o bem-estar das brasileiras não conseguem esconder, elas revelam que, na verdade, o grande problema dizia respeito não ao futebol em si, mas justamente à subversão de papéis promovida pelas jovens que o praticavam, uma vez que elas estariam abandonando suas “funções naturais” para invadirem o espaço dos homens. Não por acaso, o foco do debate centrava-se nos usos que as mulheres faziam de seu próprio corpo, daí derivando-se o tema da maternidade. (FRANZINI, 2005, p. 321)

Enquanto os homens participavam efetivamente de competições, às mulheres cabia o papel de torcedoras limitadas às arquibancadas, para acompanhar seus maridos e familiares:

Vítima de opiniões machistas, cínicas ou jocosas, o futebol praticado por mulheres era considerado excessivamente lúdico ou tecnicamente débil, sempre quando comparado por aquele praticado por homens. Assim, a atuação feminina em arquibancadas e, eventualmente, dentro de campo, inevitavelmente se fazia mais pelo “decoro”, “recreação”, “torcida”, “graça” e outros modos de relegar às mulheres estas funções extra-esportivas, do que praticar o esporte em si com intuídos competitivos. (LOPES, 2011, p. 02).

No século XX, tanto a educação dada às mulheres como a cultura brasileira “definiam claramente quais comportamentos e práticas eram exclusivas e/ou comuns a homens e mulheres, a crianças, adolescentes e adultos” (LOPES, 2011, p. 05), cultura essa que se legitimava através da reprodução de discursos baseados em instâncias médicas, religiosas e pela mídia, especialmente em revistas de Educação Física.

A década de 1920 foi timidamente movimentada para o futebol feminino no Brasil. No estado do Pará, as mulheres já participavam da modalidade, tanto dentro como fora de campo e clubes começaram a surgir em Belém. Na década seguinte, em 1933, o futebol masculino dá início a sua profissionalização e segundo LUCCAS (1998) a saída de jogadores brasileiros para o exterior foi a principal causa, seguida da necessidade de uma oficialização de vínculos empregatícios para os jogadores negros e pobres, logo a popularidade do futebol aumentava. “Os jogadores negros e os de origem humilde passam, aos poucos, a serem aceitos nas equipes. Aceitação esta muito condicionada às suas habilidades e capacidades de contribuir para a competitividade de cada equipe” (LUCCAS, 1998, p. 38).

Enquanto os homens se organizavam em prol do esporte, as mulheres ainda sofriam repressões sobre a prática. Assim, no início de uma tentativa do movimento futebolístico feminino no Brasil, na década de 1930, segundo médicos da época, o que importava era a saúde das futuras mães de filhos saudáveis, desde que essas mães não praticassem esportes que não fossem considerados adequados para a condição de sua natureza: reprodução. Esportes como ginástica, dança e natação (GOELLNER, 2004, p. 04) eram recomendados por médicos, que diziam que essas práticas, desde que apresentassem fins médicos fortaleciam as futuras mães e as tornariam mais bonitas. Jornais da época, que antes apoiavam e cobriam os jogos femininos, começaram a reproduzir o discurso dos médicos, que diziam que a prática do esporte poderia prejudicar os órgãos reprodutores das futuras mães, “Jornais como O Paiz, que apoiavam os jogos femininos em reportagens, começaram a aderir à posição dos médicos (que detinham a cientificidade da educação física), condenando a prática de futebol por mulheres, sob argumento de que era prejudicial aos órgãos de reprodução e à beleza das formas.” (Eva futebol clube. Jornal da Unicamp, 5 a 11 de maio de 2003).

Qualquer atividade física requer esforço físico. No futebol não é diferente, um esporte rápido e de contato, jogadas fortes e intensas, por vezes praticado sobre um forte calor, ainda mais no Brasil, um país tropical. Esses esforços físicos fazem o corpo transpirar, o futebol, que é jogado principalmente na grama, nem sempre é uma garantia de uniforme limpo. Para o

sexo masculino o suor caindo pelo rosto e as roupas sujas são demonstrações de virilidade, enquanto as mulheres eram vistas como modelo de beleza e delicadeza. Com uma educação “vinculando-a à modernização da sociedade, à higienização da família, à construção da cidadania dos jovens” (LOURO, 2010, p. 447), as mulheres se limitavam aos afazeres domésticos, cabendo a elas a educação dos filhos e manutenção de uma boa relação familiar:

Elas deveriam ser diligentes, honestas, ordeiras, asseadas; a elas caberia controlar seus homens e formar os novos trabalhadores e trabalhadoras do país; àquelas que seriam as mães dos líderes também se atribuía tarefa de orientação dos filhos e filhas, a manutenção de um lar afastado dos distúrbios e perturbações do mundo exterior. (LOURO, 2010, p. 447).

O descontentamento com o futebol feminino era tão grande por parte dos homens que Getúlio Vargas recebeu uma carta de um homem chamado José Fuzeira, em 1940, que demonstrava sua indignação com as mulheres que praticavam o futebol e seguindo os médicos da época que alertavam sobre o "perigo" que o esporte causava à saúde das moças jogadoras, a imprensa da época chegou a publicar a carta que dizia:

[Venho] Solicitar a clarividente atenção de V.Ex. para que seja conjurada uma calamidade que está prestes a desabar em cima da juventude feminina do Brasil. Refiro-me, Snr. Presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de m^oças, atraíndo-as para se transformarem em jogadoras de futebol, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar êsse esporte violento, sem afetar, seriamente, o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido à natureza que dispoz a ser mãe...

Ao que dizem os jornais, no Rio, já estão formados, nada menos de dez quadros femininos. Em S. Paulo e Belo Horizonte também já estão constituindo-se outros. E, neste crescendo, dentro de um ano, é provável que, em todo o Brasil, estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol, ou seja: 200 núcleos destroçadores da saúde de 2.200 futuras mães que, além do mais, ficarão presas de uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes. (José Fuzeira, em carta datada de 25/04/1940 e repercutida pela imprensa) (Eva futebol clube. Jornal da Unicamp, 5 a 11 de maio de 2003).

O futebol feminino no país começou a se estagnar de forma massiva durante o Estado Novo, que a partir de uma legislação estabelecia as bases de organização dos desportos em todo o país, e em seu DECRETO-LEI Nº 3.199, de 14 de abril de 1941 proibia as mulheres de jogarem futebol, o seu artigo 54 dizia:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando da atribuição que lhe confere o art. 180 da Constituição, DECRETA:... Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país. (Legislação Informatizada - DECRETO-LEI Nº 3.199, DE 14 DE ABRIL DE 1941 - Publicação Original).

Diante das dificuldades impostas por diversos setores sociais, as mulheres começaram a perder espaço, no futebol, até mesmo como torcedoras, lugar esse que cada vez mais foi sendo ocupado por homens. Em consequência, o esporte praticado por mulheres passa por um grande declínio, “ao longo das décadas de 1940 e 1950, percebemos a formação de algumas equipes espaçadas pelo país, sem a existência aparente de grandes ligas” (ALMEIDA. C., 2013, p. 01).

Em Pelotas, no ano de 1950²², duas equipes de um bairro de classe média baixa começam a se organizar em volta do futebol feminino, apesar do discurso higienista ainda permanecer sobre o esporte. O Vila Hilda Futebol Club e o Corinthians Futebol Club eram compostos por meninas com faixa etária entre 13 e 18 anos e contavam com o apoio dos dirigentes das equipes masculinas. A imprensa da cidade mostrou-se muito empolgada, e contrariando outros veículos da época deu muita importância a partida.

Enquanto as moças praticavam o esporte apenas como um divertimento o Conselho Nacional de Desporto (CND) não se manifestou, a partir do momento em que elas começaram a se organizar de modo em que as funções administrativas deixassem de ser responsabilidade dos homens, o conselho fez valer a lei antes que aquelas partidas tirassem as mulheres dos lares e finalmente pudessem ter acesso ao mundo público, que socialmente era um espaço do homem:

A proscrição do futebol feminino brasileiro e a intervenção direta para proibir experiências como a de Pelotas mostram um pouco do quanto o corpo e o esporte moderno se tornaram também alvos de interesse de toda uma estratégia de poder, que opera junto às populações com o intuito de controlar a vida, disciplinar os corpos, estereotipar papéis e controlar a sexualidade. (MAGALHÃES, 2008, p. 184.)

Durante a Ditadura Militar, o futebol feminino, de forma tímida, começa a ser praticado por moças em praças públicas e clubes, apenas de maneira amadora. Em 1965 o general Eloy de Menezes aprovou a deliberação nº 7/65 do CND, que em seu parágrafo 2º determinava: “Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, polo, rugby, halterofilismo e baseball” (CASTELLANI FILHO, 2008, p. 63), logo, mais uma proibição legal que as mulheres sofriam.

²² MAGALHÃES, Sandra Leticia Ferreira. Memória, Futebol e Mulher: Anonimato, oficialização e seus reflexos na capital paraense (1980-2007), 2008, p. 176.

As dificuldades não se limitavam às atletas, na década de 1970, Lea Campos²³, encontrou dificuldades para ter seu diploma de árbitra reconhecido pela FIFA, esperando por quatro anos, isso porque as mulheres ainda eram proibidas pela Constituição de praticarem o esporte.

O futebol feminino deixa de ser proibido (assim como outros esportes considerados agressivos ao corpo feminino) em 1979, graças à ousadia de Joaquim Mamed, na época o diretor da Confederação Brasileira de Judô, que teve que trocar o nome de suas lutadoras por nomes masculinos, para que elas pudessem participar do campeonato sul-americano e ganhassem as passagens para a competição na Argentina. O ato, assim que descoberto, provocou uma reunião do CND com o dirigente, que por fim conseguiu que o decreto fosse derrubado. A nova determinação Nº 10 assegurava que “Às mulheres se permitirá a prática de desportos na forma, modalidades e condições estabelecidas pelas entidades internacionais dirigentes de cada desporto, inclusive em competições, observado o disposto na presente deliberação.” (CASTELLANI FILHO, 2008, p. 62) Com o fim desta lei o futebol feminino começa “uma organização em torno do esporte: calendário com ligas; clubes reconhecidos nacionalmente; redes de migrações de jogadoras entre os clubes; certo espaço na mídia nacional; alguns jogos televisionados; entre outros” (ALMEIDA. C., 2013, p. 01).

Com o fim das duas proibições da prática de futebol para as mulheres, em 1982 com a reforma do ensino primário e de outras instituições, o projeto Nº. 224, em seu 2º parágrafo, determinou que a ginástica fosse obrigatória para ambos os sexos nas escolas. No entanto, para as mulheres a prática tinha fins específicos: “*a harmonia das formas femininas e as exigências da maternidade futura.*” (CASTELLANI FILHO, 2008, p. 64). Os anos se passaram e as ideias da mulher como ser materno ainda perpetuavam o imaginário social.

Nas décadas de 1980 e 1990, para os jogadores brasileiros, o futebol se torna mais rentável, começando a aumentar os salários, que segundo RODRIGUES (2002), ganha valorização com o aumento de escolinhas particulares de futebol e a redução dos campos de várzea, seguido de uma profissionalização ainda maior. Neste mesmo período a estruturação do futebol feminino estava longe dos patamares do futebol masculino.

²³ Primeira árbitra brasileira, mineira de Belo Horizonte realizou um curso de oito meses na escola de árbitros da Federação Mineira de Futebol, em 1967, mas só em 1971 recebeu diploma reconhecido pela FIFA.

A primeira equipe de futebol feminino de maior expressão no Brasil foi o Radar Futebol Clube²⁴, fundado em 1981 na cidade do Rio de Janeiro, que passou da praia para o campo, esse foi o caminho seguido pelo clube carioca nos anos 1980. Década esta que foi de ascensão e declínio da equipe. Dentro de campo o time tornou-se campeão, fora dele sofreu com a falta de investimentos, ora por parte de patrocinadoras, ora por entidades relacionadas ao futebol, o que culminou seu fim no ano de 1988. O Radar Futebol Clube, uma equipe vencedora, teve o fechamento de suas portas para o futebol feminino em decorrência da invisibilidade da modalidade no Brasil. Fatores extracampo acabaram por determinar o fim de um ciclo invejável por grandes clubes do futebol brasileiro. Em apenas seis anos de existência, o Radar ganhou cerca de treze títulos. Antes de paralisar suas atividades, o time chegou a realizar mais de 300 jogos, sendo 71 no exterior, com 66 vitórias, 3 empates e 2 derrotas.

Um fator que afasta tanto o público como patrocinadores é a falta de apoio por parte de instâncias que gerenciam o futebol, dificultando o reconhecimento do esporte feminino no cenário nacional. Apenas em 1987 a FIFA reconhece o futebol feminino e começa a se organizar. Com a Olimpíada de 1996, em Atlanta, o esporte vira uma modalidade olímpica.

Na virada do século, o futebol feminino brasileiro revelou uma nova safra de grandes jogadoras. O sucesso que as meninas conquistaram nas Olimpíadas de Atlanta²⁵, trariam frutos para o início do novo milênio. A geração de Marta e Cristiane, nos anos 2000, encheram de esperança os brasileiros em busca da primeira medalha de ouro na modalidade, medalha essa que o masculino com todo o apoio da massa e com grandes patrocinadores ainda não conquistou.

Com a mídia em volta da seleção feminina de futebol, muitos questionamentos acerca da estrutura do esporte se tornaram frequentes. As entrevistas das jogadoras traziam pedidos de maior atenção ao esporte, discurso este cada vez mais repetido, deixando claras as falhas na estrutura do futebol feminino no Brasil. Mesmo com a crescente ascensão que a modalidade conseguiu (chegando às finais de Olimpíadas), ainda eram poucos os investimentos feitos em torno de campeonatos femininos e de clubes no Brasil. GASTALDO

²⁴ Clube esportivo do bairro de Copacabana, Rio de Janeiro, fundado em 1932, atualmente funciona como academia de musculação e lutas.

²⁵ A seleção brasileira conquistou o quarto lugar nas Olimpíadas de Atlanta, em 1996.

(2006) aponta que este espaço ainda é simbolicamente e hegemonicamente um território masculino.

SOUZA. J. (2009) levanta a questão do "mito nacional", que segundo o autor está ligado diretamente a um "sentimento de solidariedade" coletiva, em que os brasileiros juntos formam uma unidade. "Um mito nacional bem-sucedido permite que dada nação possa se manter coesa e unida mesmo em épocas de crise e caos" (p. 34), no caso do Brasil esse sentimento de coletividade nacional não é percebido quando se trata do futebol feminino que, ao contrário da seleção masculina, não é "abraçada" pelos brasileiros, vivendo assim em um cenário em que a modalidade ainda é vista como impedimento para alcançar públicos e audiência.

O futebol jogado por homens passou por todo um processo de popularização, deixando de ser praticado apenas pela elite branca masculina, às mulheres essa possível evolução não foi dada. Os quase 40 anos de proibição fomentaram as desigualdades de gênero dentro do esporte. Os altos salários dos homens atletas são maiores do que os das mulheres:

No esporte de rendimento, são bem menores os recursos destinados para patrocínios, incentivos, premiações e salários; em algumas modalidades, a realização de campeonatos é bastante restrita e, por vezes, inexistente; há pouca visibilidade nos diferentes meios midiáticos; a participação de mulheres em órgãos dirigentes e de gestão do esporte é ínfima; a inserção em funções técnicas, como treinadoras e árbitras, ainda é diminuta; federações, confederações, clubes e associações esportivas mantêm registros precários sobre a participação das mulheres em seus dados oficiais, especialmente no que se refere a aspectos históricos. (GOELLNER, 2002, p. 02).

Ao contrário do Brasil, os Estados Unidos é um país que dá maior apoio para o esporte de modo geral, e sempre possui os melhores resultados nas grandes competições que disputa. A maior diferença entre o *soccer* estadunidense e o futebol brasileiro, é que nos Estados Unidos as mulheres são bem sucedidas e tem um grande apoio. São as mulheres quem conseguem maiores premiações que os homens, são elas que elevam o status do esporte no país, seus resultados são superiores. O que se vê atualmente é um grande movimento dos estadunidenses em torno do futebol masculino, grandes craques do esporte estão cada vez mais interessados na *Major League Soccer* (MLS)²⁶, que vem chamando bastante atenção e grandes investimentos estão sendo feitos.

Os 38 anos de proibição do futebol feminino no Brasil, culminou em atrasos nos investimentos em torno do esporte, sendo agravado pela falta de cobertura da mídia. Segundo

²⁶ Principal campeonato de futebol dos Estados Unidos e Canadá.

LOPES (2011), sem o incentivo e tradição esportiva ainda em construção, a modalidade não faz parte da preferência do público, não é um produto com um nível alto de consumo, resultado de anos de repressão à prática. A falta de ligas profissionais e campeonatos de alto nível também atingem o futebol feminino. A insegurança que permeava o futebol se baseava na falta de base trabalhista que assegurasse o esporte como uma profissão.

SAVINI e MARCHI JÚNIOR (2013) argumentam que mesmo com o fim da proibição, que impedia as mulheres de praticarem o esporte, os valores culturais negativos em relação ao futebol feminino continuaram vigentes na sociedade brasileira, "A permissão legal da prática do futebol feminino estava aí, mas grande parte da criação e do gerenciamento dessas novas equipes ficava - e atualmente ainda fica - sob o encargo dos homens." (SAVINI e MARCHI JÚNIOR, 2013, p. 97.). Em meio a esta proibição legal, as mulheres continuavam a jogar futebol de forma amadora, se legalmente elas eram impedidas de jogarem profissionalmente, o faziam em outros espaços, como uma forma de diversão.

Diante de várias questões levantadas em relação ao futebol feminino, este trabalho busca, através das entrevistas realizadas com atletas, ilustrar como o esporte se constituiu como segregador no Brasil. O último capítulo busca, através das análises, elucidar como a educação e o fator gênero influenciaram essas atletas em sua trajetória no esporte. A partir desses elementos, se baseia meu interesse em buscar compreender como estão as representações hoje acerca do futebol feminino.

5. Pesquisa de campo

Anteriormente, foram discutidos neste trabalho os meios que contribuíram para as desigualdades sociais sofridas por mulheres e atletas, nos levando a perceber que a elas ainda são ligadas as velhas imagens que compunham o cenário social e impostas às mulheres. Assim, o ponto inicial desta pesquisa parte da inquietação causada por preconceitos em relação ao futebol feminino que atinge de forma negativa a formação de atletas, problematizando e investigando suas ações em torno da modalidade e esclarecendo como a educação e o futebol, legitimaram a reprodução de desigualdade de gênero, fomentados por instâncias sociais de forte apelo popular com respaldo da mídia que não dá as merecidas atenções ao esporte praticado por mulheres no Brasil e reforçam estereótipos de gênero.

A metodologia escolhida para a pesquisa é de cunho qualitativo, se pautando em entrevistas semi-estruturadas. Logo, é estabelecida uma interação entre a pesquisa, a pesquisadora e as atletas, buscando-se assim, aprofundar o tema de modo que as discussões estabelecidas consigam ser problematizadas de acordo com a bibliografia estudada.

A entrevista seguiu um roteiro pré-definido de caráter aberto, permitindo que as atletas contassem suas histórias, mas sem saírem do *script*, quanto ao roteiro, MANZINI (2004) acredita que coletar informações básicas é o primeiro passo do trabalho, meio por qual o pesquisador se organizará para um melhor desempenho de seus estudos.

As entrevistas foram realizadas com cinco alunas de graduação e pós-graduação da Universidade Federal de Ouro Preto, em dezembro de 2015, sendo gravadas e transcritas para a análise. “A descrição e delimitação da população base, ou seja, dos sujeitos a serem entrevistados, assim como o seu grau de representatividade no grupo social em estudo, constituem um problema a ser imediatamente enfrentado, já que se trata do solo sobre o qual grande parte do trabalho de campo será assentado.”(DUARTE, 2002, p. 141).

A temática é baseada na vivência escolar dessas atletas, investigando de que forma o ambiente escolar as influenciou no esporte, seja na prática do futebol ou futsal. Toda a entrevista é legitimada pelo material teórico que serviu como base para a construção da pesquisa. O processo parte da coleta de dados que permite a visão das alunas da UFOP sobre a prática do futebol feminino brasileiro, expondo suas falhas estruturais e sociais.

A razão do desenvolvimento da pesquisa está ligada às queixas pessoais, percebidas na infância e adolescência em locais de atividades esportivas, e pelas repetidas queixas feitas por companheiras de esporte, que de alguma forma estavam ligadas ao futebol. A pesquisa foi

realizada com atletas que treinam futsal nas dependências da universidade e disputam competições estudantis em Minas Gerais. Outro fato em comum entre elas é que estão ligadas ao futebol também como torcedoras.

Assim, a “Pesquisa é, portanto, o caminho para se chegar à ciência, ao conhecimento. É na pesquisa que utilizaremos diferentes instrumentos para se chegar a uma resposta mais precisa.” (BRITO JÚNIOR e FERES JÚNIOR, 2011, p. 238), nesse sentido, este trabalho se torna uma importante ferramenta que produz conhecimentos relevantes sobre como o futebol feminino se construiu no Brasil, esclarecendo de que forma o machismo e a educação contribuem na exclusão daquelas que praticam o esporte.

5.1. Mulheres por trás das chuteiras

Cinco mulheres, universitárias, atletas e sonhadoras. São várias as características que as aproximam, mas há aquelas que as diferenciam. Seja a cidade de onde elas vieram, a forma como veem o mundo ou o estilo de vida que levam. Suas culturas e raízes são diferentes, visto que cada uma provém de uma cidade distinta. Todas mineiras, dentre quais quatro torcem pelo Cruzeiro Esporte Clube e uma torce pelo Clube Atlético Mineiro, demonstrando que também estão presentes no futebol como torcedoras.

Segundo LARAIA (2001) a maioria das sociedades consente uma maior participação de indivíduos do sexo masculino do que feminino em espaços sociais. O futebol cresceu como um esporte popular, porém acaba reproduzindo esse estigma social, distanciando as mulheres do esporte. Para as fontes principais de desenvolvimento dessa pesquisa é preciso ultrapassar as barreiras, tanto no futebol como no dia a dia.

Essas atletas tiveram inícios distintos no esporte, enquanto algumas tiveram contato com a modalidade na escola, outras começaram a jogar na rua de casa com amigos. “W” comenta que ganhou sua primeira bola logo ao nascer porque seu pai pensou que seria um menino. Ela conta que tem essa bola até hoje, 25 anos depois. Esse presente demonstra como os meninos e meninas são estimulados de formas diferentes pelos pais, refletindo na formação delas como atletas. Enquanto o homem nasce com “a bola no pé”, a mulher tem que conquistar esse espaço. BOURDIEU (2014) argumenta que o masculino dispensa justificáveis, enquanto que o feminino é carregado de significados e características e que culturalmente a sociedade é dominada por homens.

A média de idade das entrevistadas é de 23 anos e todas praticam o esporte desde a infância, tendo a escola como o principal local de prática durante esse período. Justamente esse lugar comum entre elas que foi o diferencial em suas vidas, isso porque ficou claro ao longo da pesquisa que as entrevistadas tinham o profissional de Educação Física como principal fonte de inclusão ou exclusão no esporte. Como dito anteriormente, as professoras ao tratarem os meninos como um coletivo, acabam reproduzindo machismo, o que ficou claro ao percebermos que três dos seis professores de Educação Física eram mulheres que também segregavam as meninas nas aulas.

Chegar ao Ensino Superior em uma universidade federal não fez com que as dificuldades em torno do futebol desaparecessem. O ambiente é outro, mas as piadas e a desconfiança ainda fazem parte de suas vidas. Elas reconhecem que a estrutura da universidade é melhor do que a que elas tiveram acesso na infância, o número de meninas jogando é maior, não existe mais a necessidade de formarem times com os meninos. As competições também são maiores, visto que elas jogam campeonatos com modalidades femininas.

As principais dificuldades ainda são os preconceitos e falta de apoio, no caso delas financeiro. Devido aos cortes que as universidades públicas estão sofrendo, principalmente em 2015, muitas atletas tem que desembolsar dinheiro do próprio bolso para custear viagens esportivas. Com os cortes a universidade já não pode mais disponibilizar ônibus e bolsas para que elas possam disputar os Jogos Universitários Mineiros (JUMs), o que não as impediu de continuarem jogando. Em 2015 (apenas três das cinco entrevistadas participaram do campeonato mineiro), o time de futsal feminino se juntou e realizou rifas para pagar a viagem para Sete Lagoas, realidade que a maioria dos times de futebol feminino enfrentam hoje no Brasil.

Aquelas que cursam Educação Física almejam ser professoras diferentes daqueles que tiveram, e ao invés de segregar as meninas pensam em incentivá-las a jogarem futebol, evitando assim a reprodução de preconceitos, o principal meio é discutir sobre o espaço:

“A escola não trata. Hoje em dia está melhorando bastante, eu vejo melhoras, na verdade, onde eu fiz estágio, aonde eu cheguei a trabalhar em projetos, mas longe do mínimo do ideal. Na minha época não era discutido.” (“M”, fonte entrevistas).

Quando se trata de sexualidade, todas são expostas como lésbicas, a razão: jogam futebol, este estereótipo foi vivido na infância por elas e hoje em dia convivem com o

preconceito dentro da universidade. Para MOSCOVICI (2007) as representações são transformadas em senso comum, caminhando com naturalidade dentro dos grupos sociais, sendo reproduzidos em rodas de conversas e pela mídia:

“Futebol para menina é uma coisa meio tabu ainda. Eu estudava em escola de padre e freira, então era complicada essa ideia de que menina que joga futebol vai gostar de menina, isso é errado, ‘deus não gosta de meninas que gostam de meninas’.” (“M”, fonte entrevistas).

Para além das piadas nas concentrações e competições, também é possível perceber que no dia a dia o preconceito ultrapassa os muros da universidade, chegando até suas. Pesquisas apontam que 25% das mulheres brasileiras (ver a página 17) ainda sofrem influência da figura paterna na hora de escolher um time, e mesmo com essa influencia, as atletas continuam sendo vítimas do machismo provindo de pais e familiares. Assim, o local em que elas deviam se sentir mais a vontade se torna mais um local de exclusão.

O fato de cursarem uma universidade não diminuiu as falas machistas quanto à prática, pelo o contrário, é nestes locais que ficam mais explícitos as piadas, justamente pelas atletas possuírem um maior discernimento de que o local que ocupam incomoda aqueles que antes eram os únicos a desfrutá-lo:

“Nós fazíamos o campeonato de repúblicas de Ouro Preto, na UFOP, o feminino contra o último time do campeonato, e nós sempre ganhávamos. E uma vez estávamos jogando no Aluminas e tinha um menino apitando, aí eu chutei a bola e não pegou direito, porque eu estava no canto e eu cá chutando a bola na direita, e eu joga mais pela esquerda, ‘e tipo assim’: - ‘Chuta igual homem’. Meu filho, eu chuto muito melhor do que você, então você que começa a chutar igual mulher.” (“M”, fonte entrevistas).

VEIGA-NETO (2003) acredita em um crescente interesse pelas questões culturais, resultando em meios para se pensar o mundo, independentemente da esfera social. Logo, conhecer um pouco das entrevistadas gera uma aproximação entre suas subjetividades e o espaço que ocupam no mundo.

No próximo tópico serão aclaradas as ferramentas utilizadas no processo desta pesquisa. Em sua elaboração foram dispostas cinco questões centrais que buscavam explorar com mais profundidade as personagens, baseando a centralidade da pesquisa em temas relacionados com a bibliografia que compôs os três primeiros capítulos deste trabalho. Foram pensadas questões que fizessem com que as entrevistadas se sentissem a vontade para contar suas histórias.

5.2 Metodologia

A importância desse estudo é a produção de conhecimentos relevantes, ao considerar problemas enfrentados por mulheres, seja socialmente ou no esporte. “Todas as ciências empregam um método comum nas suas investigações, na medida em que utilizam os mesmos princípios. A metodologia é de importância vital para o desenvolvimento da pesquisa e o alcance dos resultados perseguidos.” (ALMEIDA. P. 2007, p. 88).

BONI e QUARESMA (2005) argumentam que o primeiro estágio de uma pesquisa se baseia no levantamento de dados que, é feito por meio de uma bibliografia referente ao objeto de estudo. Logo, será preciso pesquisar os principais autores que trabalhem com os temas sustentados pela pesquisa. Neste trabalho a principal preocupação foi dialogar de que forma a educação, a história da mulher no Brasil e o futebol feminino contribuíram para a desigualdade de gênero.

O segundo passo do pesquisador é realizar uma observação dos fenômenos relacionados ao objeto de estudo. A observação de campo se deu a partir de queixas providas de mulheres atletas em relação ao espaço que ocupam e principalmente de preconceitos de terceiros, seja os próprios membros da família, amigos ou desconhecidos. Conseqüentemente abriu-se um leque de possibilidades sobre o processo de desenvolvimento da pesquisa, sobretudo em relação às questões que serviram de base para o roteiro das entrevistas.

A observação também obriga o pesquisador a ter um contato mais direto com a realidade. Esta técnica é denominada observação assistemática, onde o pesquisador procura recolher e registrar os fatos da realidade sem a utilização de meios técnicos especiais, ou seja, sem planejamento ou controle. Geralmente este tipo de observação é empregado em estudos exploratórios sobre o campo a ser pesquisado. (BONI e QUARESMA, 2005, p. 71).

O terceiro passo é contatar as possíveis fontes que serão utilizadas no desenvolvimento do estudo de campo. A bibliografia já não é suficiente na busca por respostas, necessitando o levantamento de mais informações sobre o recorte selecionado para o complemento da pesquisa. Logo, a entrevista é necessária, visando preencher as lacunas que, ao longo do processo de conhecimento se propôs essa pesquisa.

A preparação da pesquisa teve início em 2014, após várias leituras e conversas com as possíveis entrevistadas. A escolha das personagens se pautou no conhecimento que ambas tinham tanto da prática como do esporte. Foram pensadas suas subjetividades e disponibilidades, levando em consideração a formação de um grupo que estivesse de fácil acesso ao pesquisador.

A formulação da entrevista foi pensada várias vezes, isso porque ao longo da pesquisa bibliográfica vários elementos surgiram com uma forte demanda de respostas, levando o trabalho a seguir um pré-roteiro de modo que as questões se mantinham abertas, permitindo que as entrevistadas se sentissem a vontade para compartilhar suas histórias.

Sobre a temática, foram dispostas cinco questões centrais, buscando assim seguir o roteiro, mas possibilitando que as entrevistadas pudessem ir além do que lhes foi interrogado. As principais perguntas foram: “onde elas começaram a praticar o futebol”, “porque escolheram o futebol como esporte”, “se contavam com o apoio do professor de educação física”, se “se sentiam representadas pela mídia” e “se jogavam com meninos”. Também foram questionadas sobre como suas famílias reagem diante de suas escolhas em relação ao futebol.

Como fonte de coleta foi escolhida a entrevista semi-estruturada, compatibilizando as questões centrais com as abertas, deixando as entrevistadas confortáveis para discorrer sobre o tema, mas sem fugir das questões primordiais da entrevista, zelando assim por uma coleta de dados direcionada ao tema. “A principal vantagem da entrevista aberta e também da semi-estruturada é que essas duas técnicas quase sempre produzem uma melhor amostra da população de interesse.” (BONI e QUARESMA, 2005, p. 73).

A conversa quando estabelecida entre o pesquisador e as entrevistadas, se torna uma fonte mais segura de informação, visto que ao modo que as dúvidas começam a surgir durante o processo, possibilitando que as partes envolvidas contornem as questões que causam ambiguidades. Outro fator importante durante o processo foi o caráter de uma conversa e não de uma entrevista que serve de base para uma pesquisa, permitindo que as entrevistadas se sentissem mais a vontade para pensar sobre suas histórias e perspectivas.

Todas as entrevistadas serão mantidas em sigilo, sendo identificadas por iniciais de seus nomes. Todas são estudantes da Universidade Federal de Ouro Preto e se conheceram graças ao time universitário de futsal feminino, montado em 2011, onde praticavam o esporte, local esse onde nos conhecemos em 2014. Durante o período de dois anos juntas, fui percebendo que as questões que me incomodavam eram compartilhadas por elas e outras jogadoras. Motivo principal pelo qual escolhi realizar esse trabalho. Diante de tantas conversas, durante treinos e competições, surgiu a necessidade de uma pesquisa sobre o tema, tendo início com o material bibliográfico.

Após alguns meses de pesquisa, comecei a pensar sobre quais meninas poderiam se juntar a essa jornada. O maior empecilho encontrado se deu pela incompatibilidade de horários. Superada essa barreira, o trabalho de campo teve início em dezembro de 2015. Os locais de realização das pesquisas foram todos distintos, três alunas me receberam em suas casas e as outras duas me receberam no campus Morro do Cruzeiro, em Ouro Preto.

O objetivo de a metodologia ser entrevistas semi-estruturadas de cunho qualitativo se dispõe ao nível que a subjetividade das entrevistadas é pensada como a principal fonte desse estudo, deixando os resultados matemáticos fora de questão. “Enquanto estudos quantitativos geralmente procuram seguir com rigor um plano previamente estabelecido... a pesquisa qualitativa costuma ser direcionada ao longo de seu desenvolvimento” (NEVES, 1996, p. 1), permitindo assim analisar as particularidades de cada entrevistada.

O material para a captação da conversação foi um gravador, objeto que facilitava tanto a transcrição como uma maior interação com as entrevistadas, isso porque não havia uma preocupação além da atenção com a conversa. Todas as entrevistas aconteceram com muito respeito, levando em consideração que o trabalho realizado contou com pessoas que tem suas subjetividades e histórias. “A entrevista pode desempenhar um papel vital para um trabalho científico se combinada com outros métodos de coleta de dados, intuições e percepções provindas dela, podem melhorar a qualidade de um levantamento e de sua interpretação.” (BRITO JÚNIOR e FERES JÚNIOR, 2011, p. 241). Logo, as conversações são importantes no processo, cada entrevista teve tempo variado, visto que cada entrevistada tinha uma história para contar. Com média de 10 minutos, tempo que foi suficiente para seguir o roteiro e estabelecer pontos cruciais para o estudo.

Muitas vezes a opção pela entrevista baseia-se numa percepção, mais ou menos corrente entre nós, de que esse é um procedimento mais fácil, quando comparado a outros aparentemente mais trabalhosos e mais sofisticados. Cabe assinalar, então, que entrevista é trabalho, não bate-papo informal ou conversa de cozinha. Realizar entrevistas de forma adequada e rigorosa não é mais simples do que lançar mão de qualquer outro recurso destinado a coletar informações no campo: talvez elas tomem menos tempo na fase preparatória do que a elaboração de questionários ou *check lists* por exemplo, mas para serem realizadas de modo a que forneçam material empírico rico e denso o suficiente para ser tomado como fonte de investigação, demandam preparo teórico e competência técnica por parte do pesquisador. (DUARTE, 2004, p. 215/6).

A análise dos dados levou em consideração os elementos de principal enfoque da pesquisa, a forma como as aletas foram influenciadas pela mídia, educação e por serem mulheres. Lembrando que a forma como são percebidas por terceiros também influenciou

suas trajetórias dentro do esporte. DUARTE (2004) argumenta que o pesquisador precisa estar atento quanto à interferência de sua subjetividade durante o processo do trabalho, assim, a análise será realizada de forma clara.

Quando realizamos uma entrevista, atuamos como mediadores para o sujeito apreender sua própria situação de outro ângulo, conduzimos o outro a se voltar sobre si próprio; incitamo-lo a procurar relações e a organizá-las. Fornecendo-nos matéria-prima para nossas pesquisas, nossos informantes estão também refletindo sobre suas próprias vidas e dando um novo sentido a elas. Avaliando seu meio social, ele estará se auto-avaliando, se auto-afirmando perante sua comunidade e perante a sociedade, legitimando-se como interlocutor e refletindo sobre questões em torno das quais talvez não se detivesse em outras circunstâncias. (DUARTE, 2004, p. 220).

As entrevistas foram transcritas e ouvidas, por mim, passado pelo processo que DUARTE (2004) chama de “conferência de fidedignidade”, que se baseia em ouvir as gravações com o texto em mãos, evitando assim possíveis erros nas transcrições. Logo foi plausível analisar melhor as entrevistas, e perceber que ambas as atletas tinham pontos semelhantes quanto as suas queixas, repetindo várias falas em relação ao esporte, o que pode ser percebido também com a ajuda da bibliografia.

Abaixo segue a tabela com os principais dados desta pesquisa, já no próximo tópico serão expostos os resultados conquistados através da análise das entrevistas. Assim, foi possível elucidar as principais questões formuladas e suas consequências na formação das atletas, esclarecendo como a educação, a mídia e o gênero fizeram diferença em suas vidas.

Tabela 1: Entrevista de campo

Atleta	Local	Apoio do professor de Ed. Física	Jogava com meninos	Representação midiática	Apoio dos pais
“B”	Rua	Não/sim	Sim	Não	Não
“D”	Escola	Sim	Não	Não	Sim
“K”	Campo da cidade	Não	Sim	Não	Pai sim, mãe não
“M”	Escola de futsal	Não	Sim	Não	Sim
“W”	Escola	Não/sim	Sim	Não	Sim

Fonte: Coleta de dados realizada por meio de entrevistas em dezembro 2015.

5.3 Resultados

O futebol foi constituído como um esporte masculino, em que, segundo essa lógica, se o indivíduo não for um homem heterossexual ele não estará apto a praticá-lo, podendo sofrer preconceitos caso fuja a essas regras, ou seja, as mulheres são as que mais sofrem com essa lógica, pois não estão dentro das principais características para jogá-lo. Logo, as mulheres são comparadas com os homens e “Assim, gênero é uma categoria relacional porque leva em conta o outro sexo, em presença ou ausência.” (SOUZA. E. e ALTMANN, 1999, p. 55) Conseqüentemente, sobre elas recaem a imagem do não feminino, a carga muscular adquirida, os cabelos curtos ou presos são vistos como marca estética masculina, daí as comparações com o sexo oposto:

Existe uma visão da sociedade que associa a imagem da mulher que joga bola à homossexualidade, onde caracteriza uma discriminação contra as atletas que mudam de comportamento e de aparência. Se as características de gênero não correspondem ao seu sexo biológico, o que é considerado *'normal'*, a mulher é taxada de homossexual. (PAULO JÚNIOR e SOUZA, R. 2012).

Uma repetição sobre piadas em relação à sexualidade de mulheres atletas foi uma constante na pesquisa de campo. Todas as entrevistadas relataram sobre como são vistas socialmente ao praticarem o esporte, seja por familiares e amigos ou por estranhos. Expressões como “Maria João”, “Maria homem”, “caminhoneira”, entre outros, apareceram ao longo das entrevistas. “W” conta que em sua primeira escola havia uma forte segregação nas aulas de Educação Física, meninas e meninos tinham aulas separados, segundo ela:

“Na minha escola era proibido menino brincar com menina. Mas tinham meninos que gostavam de vôlei e queriam jogar e tinham meninas, na verdade era eu e outra menina que gostava de futebol, aí toda Educação Física a gente ia para o futsal, os meninos que chamavam a gente, só que a professora sempre chamava a minha mãe lá... ela foi na escola e brigava com os professores e com a diretora até isso mudar, acho que mudou isso hoje em dia.”

Esse tipo de comportamento vem sendo perpetuado na sociedade desde o século passado, segundo LARAIA (2001), a herança cultural recebida pelo indivíduo provém de várias gerações, condicionando o sujeito a discriminar aqueles que estão fora dos padrões aceitos pela sociedade, para a mulher a prática do futebol se torna cansativo pela perspectiva de que a todo tempo ela se vê obrigada a buscar por espaços que ao homem já é garantido ou de maior acesso. Só o fato de serem comparadas com homens, já elucida que haverá questionamento quando o futebol é a questão.

Ao questionar “W” se os profissionais de Educação Física durante o Ensino Fundamental e Médio incentivavam as meninas a jogarem futebol é relatado que a sua primeira professora não integrava os alunos durante as aulas, chegando até mesmo a reproduzir preconceitos contra a ela:

“Ela já me chamou de ‘hominho’ e por causa disso sempre brigava na escola, então no ‘grupo’ nessa primeira fase foi sempre tumultuada, justamente por causa disso, tanto que eu saí, eu estudava na minha cidade, aí quando eu completei a 5ª série minha mãe me tirou da escola porque eu briguei com a professora e tal... por ela falar essas coisas, eu estudei o resto em outra cidade, fiquei seis anos, lá era diferente.”

As comparações com os homens integram a linguagem empregada em torno do futebol, as expressões são feitas no masculino e é sempre o “último homem”, mesmo em competições femininas. Em relatos extraídos da pesquisa de campo, em partidas disputadas por mulheres, adversárias reproduzem essa linguagem que masculiniza o esporte, o discurso rebaixa as mulheres com o objetivo de distrair e desestabilizar as adversárias no jogo, o que leva a conclusão de que as mulheres acabam envoltas em um discurso machista e que elas próprias acabam reproduzindo, talvez não como um ato voluntário, mas sim porque elas são inseridas naquele discurso construído para privilegiar o sexo oposto:

Outro fator que contribui para o fortalecimento dos gestos e posturas adotados por meninos e meninas perante a sociedade é a linguagem. Por meio das palavras são disseminadas e legitimadas idéias sexistas, que homens e mulheres reproduzem, e sem perceber fortalecem a discriminação e o preconceito de gênero por trás destas questões, mesmo que sejam elas, por exemplo, as regras gramaticais. (HAERTEL, 2007, p. 100).

Para a maioria das crianças o primeiro contato com o esporte acontece dentro da escola, nas aulas de Educação Física e nos intervalos, fazendo do professor uma das principais fontes de inserção no esporte. A pesquisa acaba mostrando que o professor juntamente com o ambiente escolar podem se tornar tanto os maiores incentivadores como também podem se tornar um obstáculo para as crianças. HAERTEL (2007) em seu estudo sobre temáticas de gênero nas aulas Educação Física no Ensino Médio expõe que o conteúdo empregado nas aulas de Educação Física segrega meninos e meninas.

A esse ponto, chegamos a espaços que privilegiam a escolha dos meninos em jogar futebol, excluindo as meninas de participarem, e fazendo com que elas, que não possuem a chance de escolha ou sequer de participar do jogo, façam outra atividade. Quando o professor não integra seus alunos durante as aulas, termina por reforçar as desigualdades de gênero, “A relação que cada um(a) dos(as) adolescentes tem com o seu eu é fortemente influenciada

pelos padrões de conduta da sociedade-turma na qual estão inseridos(as) ou pela qual são discriminados.” (HAERTEL, 2007, p. 105).

Ao falarem sobre sua vivência no futebol durante os primeiros anos de escola, quatro das cinco entrevistadas sofreram preconceito ou falta de incentivo por parte dos professores de Educação Física, todas jogavam com meninos nas aulas, em consequência da falta de incentivo dos professores ou falta de meninas suficientes para formar times. Um ponto crucial para as atletas em questão foi justamente o apoio ou a falta dele, é possível chegar à conclusão de que a atleta que teve apoio de seu professor conseguiu obter sucesso durante seu período escolar dentro do esporte.

Muitas não se sentem representadas pela mídia, ao ponto de se sentirem invisíveis, segundo MOSCOVICI (2007) é a classificação das pessoas que alimenta essa invisibilidade causando uma fragmentação, no caso do futebol feminino são vários fatores que influenciam essa invisibilidade na modalidade, isso porque as transmissões televisivas deixam a desejar ao sexualizar o corpo feminino, na tentativa de vender um estereótipo de mulher e apagando o futebol imposto dentro de campo pelas atletas, “Representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem.” (MOSCOVICI, 2007, p. 41).

Assim, outra queixa presente na pesquisa é a falta de apoio midiático ao futebol feminino no país. A televisão aparece como a mídia mais carente de informações sobre a modalidade, visto que é o meio pelo qual o futebol é disseminado e assistido. A falta de informação incomoda as entrevistadas que sempre recorrem à internet para se manterem informadas, para “M”, a mídia cria uma imagem do futebol como esporte masculino, logo repercute apenas a modalidade praticada por homens, assim elas não se sentem representadas:

“Eu tenho uma amiga..., ela está jogando profissionalmente na Suécia, porque ela entrou no Atlético, foi pro Santos, depois para uma universidade nos Estados Unidos com bolsa, chegou lá: incentivo, incentivo, tá ganhando dinheiro jogando bola, esses dias ela fez um gol do meio de campo, chutou a bola e fez um gol, Ronaldinho não faz um gol daquele. Assim, na TV não passou, passou por dois segundinhos em um programa mineiro, sabe? Na internet que a gente falou disso. Se fosse igual o Diego Souza no Atlético-MG pelo Palmeiras do meio de campo fariam uma semana disso! Um gol, agora uma mulher faz um gol daquele, que é uma mulher que tem superar dez vezes um homem para poder ser falado, faz a mesma coisa que o homem e não ganha reconhecimento. Não estou falando que nós não avançamos ainda bem que avançamos, e nós estamos falando mais disso, as discussões são muito maiores, ainda bem. Falam que nós somos muito chatas, isso é muito chato.”

SOUZA e ALTMANN (1999) esclarecem que o masculino não é o oposto do feminino, ressaltam que não são as únicas categorias de classificação social e alertam que para meninos e meninas essa questão não está clara, portanto separar os alunos por categorias dentro das aulas de educação física e em outras atividades no espaço escolar fará com que as desigualdades sejam ressaltadas e vistas como fator de exclusão. Nesse sentido, as meninas não jogam futebol apenas porque são meninas, mas porque são consideradas mais fracas, e para o futebol que é considerado um esporte de contato, elas não estão aptas devido à imagem de delicada, associada à mulher:

Não se pode concluir que as meninas são excluídas de jogos apenas por questões de gênero, pois o critério de exclusão não é exatamente o fato de elas serem mulheres, mas por serem consideradas mais fracas e menos habilidosas que seus colegas ou mesmo que outras colegas. Ademais, meninas não são as únicas excluídas, pois os meninos mais novos e os considerados fracos ou maus jogadores freqüentam bancos de reserva durante aulas e recreios, e em quadra recebem a bola com menor freqüência até mesmo do que algumas meninas. (SOUZA, E. e ALTMANN, 1999, p. 56).

Sem levar a imagem de delicadas em consideração, para as entrevistadas a força de vontade e o amor pelo esporte superam as dificuldades que encontraram nessa jornada e todas ainda praticam o esporte, mas uma fala em especial me chamou a atenção. “K”, a única entrevistada que sonhava em ser uma jogadora profissional e que sempre contou com o apoio do pai e amigos, é uma dentre tantas outras mulheres que desistem do futebol em virtude dos preconceitos:

“Também tinham uns amigos que estavam me ajudando a procurar um clube profissional, mas devido ao preconceito eu deixei de ir aos testes essas coisas... Eu ficava pensando: Viver fazendo uma coisa que gosta, mas a galera te zuando, fazendo piadinha, muito ‘paia’, então eu desisti, preferi ser professora de Educação Física e tentar mudar essa história, em um futuro próximo tentar incentivar outras meninas a jogarem bola.”

Outra entrevistada, “W”, questionada se pensava em ser uma jogadora profissional responde que não “por não dar um futuro”, as comparações quando feitas aos salários masculinos são grandes: “... você vê que elas vivem de um salário mínimo por mês. É aí que você vê, não é igual ao futebol masculino que tem o Neymar que ganha milhões”, ela ainda resalta que “não tem nem como viver do futebol feminino, apesar de gostar muito”, e assim como “K” imagina o quão prazeroso seria ganhar dinheiro fazendo aquilo que gosta.

Segundo MOSCOVICI (2007) as representações nos são impostas e com o tempo são mudadas, logo discutir sobre o futebol feminino é importante porque levanta questões até pouco tempo não questionadas pela sociedade. Não é apenas a falta de apoio que influencia de

forma negativa o futebol, mas sim a forma como a mulher é tratada e vista pela sociedade, os salários que ainda são baixos e as violências constantes no dia a dia, fatores que as atletas apresentam em suas falas.

Como consequência da construção do futebol como um esporte de prática masculina, e mesmo com o crescente acesso feminino ao esporte, as mulheres são afastadas da prática esportiva, seja na infância nas escolas ou já na vida adulta em espaços de lazer e clubes, isso porque estão a todo o momento sofrendo críticas e comparações com os homens, que, ao contrário das mulheres, nascem com todo apoio ao esporte.

Quando as mulheres ocupam os mesmos espaços que constantemente são utilizados por homens, as atenções se voltam a eles, assim como os melhores materiais esportivos, expectativas e mídia, uma vez que, a elas, às mulheres restam a desconfiança e piadas.

Considerações finais

Após um breve período de pesquisas em torno do futebol feminino no Brasil, a educação feminina, sobre a condição da mulher na sociedade e por meio das falas das entrevistadas, é evidente como a relação feminina com o esporte é carregada de preconceitos e estigmas sociais. Com a história da humanidade sendo construída e reproduzida como fonte de desigualdade de gênero, o futebol feminino não escapou a essa dura realidade, chegando ao século XXI como um esporte considerado de baixo nível técnico quando praticado por mulheres e pouco disseminado na imprensa brasileira.

Ao longo deste trabalho, vários pontos se mostram definitivos quanto ao descrédito social que recai sobre as mulheres. A entrada da mulher no mercado de trabalho é marcada pela tentativa de independência frente aos homens, socialmente causando uma subversão de papéis na sociedade, o que para o sexo masculino era inadmissível. No entanto, o que se percebe é que em pleno século XXI as mulheres ainda são encarregadas dos cuidados domésticos e dos filhos, sem contar a carga de trabalho fora do lar, que não lhes garante salários justos, isso porque o homem ainda ganha 30% a mais que a mulheres, mesmo que desempenhe a mesma função no mercado de trabalho.

Fica claro por meio do discurso como a estrutura do futebol feminino acaba encenando uma realidade social, nos gramados as mulheres são a todo tempo questionadas sobre o espaço que ocupam, tendo suas habilidades e técnicas colocadas em segundo plano. Fora das quatro linhas os salários são menores em relação aos homens, enquanto que para eles, o futebol como fonte de renda possui grandes vantagens financeiras. Para o futebol feminino as dificuldades para manter os clubes e ligas funcionando são muito grandes.

A escola, por sua vez, acaba por desempenhar um papel de reprodutora de valores sociais e a segregação não se restringe às praticas esportivas, podemos perceber que ela contribuiu para séculos de opressão contra a mulher, embora ajam algumas mudanças em curso. A educação voltada para o lar reflete a imagem da supremacia masculina, já que ela preza que a mulher deva ficar em casa cuidando dos filhos, quando na verdade essa estrutura educacional visa a preeminência masculina, visto que os ensinamentos são diferentes, sempre ressaltando o homem em virtude de sua vida profissional e virilidade.

Assim, o local que teoricamente deveria proporcionar um espaço de aprendizagem acaba por influenciar na forma como as mulheres são vistas socialmente. Não bastasse ensinamentos que limitam as mulheres aos lares ao longo dos anos, ainda limita seus espaços

e ações com divisões entre meninos e meninas, numa perspectiva binarista, ainda pouco interrogada por professoras do ensino fundamental e médio.

Outro agravante é a mídia que, a todo o momento, sexualiza e vende os corpos femininos como moeda de troca por um maior público. Ao invés de questionar a falta de apoio da modalidade, os meios de comunicação em sua maioria, acabam repetindo estigmas sociais sobre as mulheres. Ao deixar de reportar sobre jogos e competições a imprensa se torna uma empresa, abandonando sua principal função: informar. Assim, a programação que se vê é toda voltada para o consumidor do futebol, que ela julga ser masculino, excluindo assim as mulheres.

Mesmo com o crescente número de repórteres femininas em jogos e programas de futebol, o que se percebe é a reprodução de um padrão de beleza, que visa o público masculino. A falta de representatividade da imprensa também é percebida no discurso que é empregado durante as transmissões de jogos femininos, de modo que o corpo da mulher se torna um produto de barganha por audiência, que ao mirar mais público enaltece a beleza – ou falta dela – das jogadoras, deixando sua técnica dentro de campo em segundo plano.

Com o avanço do capitalismo ao longo dos anos, o jornalismo passa a sofrer pressões do campo econômico que, como parte interessada, busca maiores audiências e públicos com o intuito da comercialização de produtos e marcas. Nessa perspectiva, as mulheres são envoltas em um emaranhado de padrões que muitas vezes não se aplicam a elas, causando assim a exclusão de atletas que estão fora dessas normas, impostas pela mídia em geral, principalmente pelos canais de televisão.

A falta de investimento no campo da educação e a desvalorização do trabalho executado por mulheres potencializou a reprodução e a legitimação de desigualdades em diversos âmbitos sociais e culturais, que segundo BOURDIEU (2014) é determinada por uma "ordem das coisas", em que a supremacia social dos homens em relação às mulheres está relacionada com a ordem biológica que os diferencia entre feminino e masculino.

Com esse estudo, percebemos que outros fatores podem ser associados à desigualdade de gênero, para enumerar apenas alguns exemplos podemos citar os baixos salários pagos as mulheres que desempenham mesmas funções que homens; a violência praticada contra elas, física ou verbal; a reprodução sexualizada da imagem da mulher pelos meios de comunicação e a forma como são educadas. Vivemos em uma era que se propõe a discutir seus problemas sociais, mas ainda não conseguiu resolve-los, visto que as velhas barreiras ainda se mantêm

perpetuadas na sociedade, o que pôde ser visto neste trabalho em relação à prática do futebol feminino, mas sem luta não mudaremos esses paradigmas.

Referências

AGUIAR, Victor Rafael Laurenciano e MEDEIROS, Claudio Melquiades. Entrevistas na Pesquisa Social: O Relato de um grupo de foco nas licenciaturas. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, PUCPR, 2009. Visitado em 20/01/16 às 22:44. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3041_1475.pdf>

ALCÂNTARA, Hélio. A magia do futebol. Estudos avançados, vol. 20 nº 57, São Paulo, 2006. Visitado em 21/04/2015 às 15:05. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000200021>

ALEXANDRE, Ivone Jesus; BACK, Cleiciane; BARBOSA, Joelma Vieira e QUEVEDO, Luana Kátia Herber. O Papel das Mulheres na Sociedade: diferentes formas de submissão. *Revista Eventos Pedagógicos*, v.3, n.2, p. 328 – 336, Maio - Jul. 2012. Visitado em 28/08/2015 às 17:43. Disponível em: <http://juara.unemat.br/Administracao/ARTIGOSDIVERSOS/O_PAPEL_DAS_MULHERES_NA_SOCIEDADE.pdf>

ALMEIDA, Caroline Soares de. “Boas de bola”: Um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. Visitado em 14/02/2016 às 16:20. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/106921>>

ALMEIDA, Patrick Scripilliti Bahia de. Métodos, técnicas e a pesquisa de campo. In Otimização de *websites* para mecanismos de busca na *Internet*: uma contribuição do Ergodesign. Rio de Janeiro, 2007, p, 88-112. Visitado em 15/03/2016 às 22:02. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10375/10375_7.PDF>

ÁLVARES GONZÁLES, Ana Isabel. **As origens e a comemoração do dia internacional da mulher** / Ana Isabel Alvares Gonzáles; tradução Alessandra Ceregatti... {et al.}. 1ª ed. - São Paulo: Expressão Popular: SOF - Sempreviva Organização Feminina, 2010.

AMARAL, Rogerio. Contribuições da pesquisa na formação acadêmica. *Identidade Científica, Presidente Prudente-SP*, v. 1, n. 1, p. 64-74, jan./jun. 2010. Visitada em 10/09/2015 às 22:18. Disponível em: <http://www.unoeste.br/facopp/revista_facopp/IC1/IC16.pdf>

AUAD, Daniela. **Educar Meninas e Meninos**: relações de gênero na escola. São Paulo, Editora Contexto, 2006.

BEZERRA, Patrícia Rangel Moreira. O Futebol Midiático: Uma reflexão crítica sobre o jornalismo esportivo nos meios eletrônicos. Faculdade Cásper Líbero, Mestrado em Comunicação, São Paulo – 2008. Visitado em 14/02/2016 às 16:15. Disponível em <http://www.ufrgs.br/infotec/teses07-08/resumo_7568.html>

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina** / Pierre Bourdieu: tradução Maria Helena Kühner. - 1ª ed. - Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

_____. **Sobre a televisão. Seguido de a influência do jornalismo e os jogos olímpicos.** / Pierre Bourdieu; tradução, Maria Lucia Machado. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

BRITO JÚNIOR, Álvaro Francisco de e FERES JÚNIOR, Nazir. A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos. *Evidência*, Araxá, v. 7, n. 7, p. 237-250, 2011. Visitado em 03/09/15 às 01:08. Disponível em <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&sqi=2&ved=0CCYQFjABahUKEwjFm7qd_tnHAhWHi5AKHR4xC8E&url=http%3A%2F%2Fwww.uniaraxa.edu.br%2Fojs%2Findex.php%2Fevidencia%2Farticle%2Fdownload%2F200%2F186&usg=AFQjCNEQSW34oHQnzcxTd07SzVT38hxmMw&sig2=tm8Z13TxPDMXAWFG-KgE2Q&bvm=bv.101800829,d.Y2I>

BONI, Valdete e QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Em Tese Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80. Visitado em 17/03/2016 às 17:17. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976>>

BUTLER, Judith. Butler e a desconstrução do gênero. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003. 236 p. Visitado em 14/02/2016 às 22:17. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2005000100012/7828>>

CAMPOS, Wilson Peçanha Igreja. O fator Marta na construção e desconstrução da imagem do futebol feminino: esporte, mídia e gênero. Intercom, XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, Vitória, ES – 13 a 15 de maio de 2010. Visitado em 14/02/2016 às 16:06. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2010/resumos/R19-0284-1.pdf>>

CASTELLANI FILHO, Lino. Educação Física No Brasil: a História Que Não Se Conta. São Paulo, 15ª edição, 2008. Visitado em: 22/07/15 às 02:37. Disponível em: <

Cristiano Ronaldo O futebolista mais valioso do mundo. IPAM The Markrting School. Elaborado por: Gabinete de Estudos de Marketing para Desporto do IPAM Senior. Janeiro 2014. Visitado em 02/03/2015 às 15:35. Disponível em <<http://pt.slideshare.net/ipammktschool/estudo-ronaldo>>

Cristiano Ronaldo O futebolista mais valioso do mundo. IPAM The Markrting School. Elaborado por: Gabinete de Estudos de Marketing para Desporto do IPAM Senior. Janeiro 2015. Visitado em 02/03/2015 às 15:37. Disponível em <http://www.meiosepublicidade.pt/wp-content/uploads/2015/01/Estudo-IPAM_Cristiano-Ronaldo.pdf>

DARIDO, Suraya Cristina. Futebol Feminino no Brasil: Do seu Início à Prática Pedagógica. Motriz Abr - Ago 2002, V.8 n.2, p.37-42. Visitado em 01/06/2015 às 02:37. Disponível em: <http://www.campeoesdofutebol.com.br/leitura/futebol_feminino_suraya_darido.html>

DINIZ, Margareth. Subjetividade e Gênero: incidências no trabalho docente. In: *Professor, profissão em 3 tempos: Gênero, saúde e saber docente*/Adriana Maria de Figueiredo (org.). – Ouro Preto. Editora UFOP, 2006, p. 31-56.

DUARTE, Rosália. Pesquisa Qualitativa: Reflexões sobre o trabalho de campo. Cadernos de Pesquisa, n. 115, março/ 2002, p. 139-154. Visitado em 14/03/2016. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf>>

_____. Entrevistas em pesquisas qualitativas. Educar, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Editora UFPR. Visitado em 16/03/2016 às 22:22. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n24/n24a11.pdf>>

FARIAS, Cláudia Maria de. O atletismo feminino brasileiro sob a ditadura civil-militar: novos obstáculos e caminhos. *La manzana de la discordia, Enero-Junio*, 2012 vol.7, No.1: 23-40. Visitado em 17/03/2016 às 14:53. Disponível em: <<http://manzanadiscordia.univalle.edu.co/volumenes/articulos/V7N1/art2.pdf>>

FELTRIN, M. B.; LOPES, C. R.; PELLEGRINOTTI, Í. L.; NAVARRO, A. C. e DELAFIORI, R. Caracterização de praticantes de futebol feminino no Brasil. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício. ISSN 1984-4956. Visitado em 24/03/2015 às 04:23. Disponível em: <<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&cad=rja&uact=8&ved=0CCwQFjAC&url=http%3A%2F%2Fdialnet.unirioja.es%2Fdescarga%2Farticulo%2F4901927.pdf&ei=GFg0VaHskcrdsATMtoGgDg&usg=AFQjCNF3aK3sGdBhCii3YDN9C9CzDfSgiw&sig2=nXYF2AbDXJYQz1wAY6EeGQ&bvm=bv.91071109,d.cWc>>

FERNANDES, A. K. Resumo de “A história do futebol feminino na cidade do Rio de Janeiro”, Trabalho final do Curso de Especialização em Futebol – EEFD/UFRJ – 1991. Visitado em 01/06/2015 à 01:00. Disponível em: <<http://www.sintrefutjrj.com.br/historiafutfemininoandrea.pdf>>

FIRMINO, Carolina Bortoleto e VENTURA, Mauro de Souza. Sou atleta, sou mulher: a representação da seleção brasileira de futebol feminino na cobertura dos Jogos Olímpicos em Londres (2012). Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Bauru - SP – 03 a 05/07/2013. Visitado em 23/07/2015 às 20:37. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-1252-1.pdf>>

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 25, nº 50, p. 315-328 - 2005. Visitado em 14/02/2016 às 15:55. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882005000200012>

FREITAS, Lígia Luís de. Gênero e futebol feminino: Preconceitos, mitos na prática discursiva de docentes da educação física. *Gênero, Sexualidade e Educação / n.23*. Visitado em 14/02/2016 às 16:18. Disponível em <<http://27reuniao.anped.org.br/ge23/t236.pdf>>

GASTALDO, Édison. As Relações Jocosas Futebolísticas. Futebol, sociabilidade e conflito no Brasil. *Revista MANA* 16(2), 2010. Visitado em 14/02/2016 às 16:17. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132010000200003&script=sci_arttext>

GOELLNER, Silvana Vilodre. “As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte”: Esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no Início do Século XX. *Recorde: Revista de História do Esporte* Artigo volume 1, número 1, junho de 2008. Visitado em 14/02/2016 às 15:51. Disponível em <http://www.sport.ifcs.ufrrj.br/recordere/pdf/recordereV1N1_2008_15.pdf>

_____. Mulheres e esporte: sobre conquistas e desafios. *Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero*, Ano II, número 4, Brasília 2012. Visitado em 21/04/2015 as 23:46. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/ceme/arquivos/prodPublicacoes/1367187862-observatorio,%20Mulheres%20e%20esporte.pdf>>

_____. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Rev. bras. Educ. Fís. Esp.*, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005. Visitado em 14/02/2016 às 15:51. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/download/16590/18303>>

_____. Mulher e esporte em perspectiva. 2004. Visitado em 17/03/2015 às 17:57. Disponível em: <http://www.pibid.ufpr.br/pibid_new/uploads/edfisica2011/arquivo/272/esporte_mulher.pdf>

GOLDENBERG, Mirian. O Corpo Como Capital: Para Compreender a Cultura Brasileira. Arquivos em Movimento - *Revista Eletrônica da Escola de Educação Física e Desportos - UFRJ*, volume 2, número 2, Julho/Dezembro 2006.

GUIMARÃES, Ana Paula. **A Educação da Mulher** - Uma Proposta do Jornal "O Sexo Feminino". 2005-2006. 66 p. Tese (Monografia em História) - Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei, Minas Gerais.

Visitado em 02/08/2015 às 18:50. Disponível em <<http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/pghis/monografias/educacao.pdf>>

HAERTEL, Bianca. A temática do gênero nas aulas de educação física do ensino médio: pesquisa e intervenção em escolas da cidade de São Carlos. In: III Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: o lazer em uma perspectiva latino-americana, 2007, São Carlos. Anais... São Carlos: SPQMH - DEFMH/UFSCar, 2007, p.99-115. Visitado em 05/01/2016 às 17:41. Disponível em <http://www.ufscar.br/~defmh/spqmh/pdf/2007/3colq_genero.pdf>

HAHNER, J. E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**. Tradução Maria Thereza P. de Almeida e Heitor Ferreira da Costa. Editora Brasiliense s.a., São Paulo, 1981.

HALL, Stuart. A identidade cultural da pós-modernidade. 10ª edição, Rio de Janeiro, 2005, editora DP&A. Visitado em 11/02/2016 às 00:21. Disponível em <<https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/hall-stuart-a-identidade-cultural-na-pos-modernidade.pdf>>

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 14ª edição, Rio de Janeiro, editora Jorge "Zahar, 2001. Visitado em 15/03/2016 às 01:24. Disponível em: <<https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/cultura-um-conceito-antropologico.pdf>>

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. Pro-Posições, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008. Visitado em 14/02/2016 às 15:15. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>>

_____. Mulheres na sala de aula. História das mulheres no Brasil/ Mary Del Priori (org.); Carla Bassanezi Pinsky (coord. de textos) 9. ed., 2ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2010, v., p. 443-481.

_____. O corpo educado. Pedagogias da sexualidade. 2ª ed. Autêntica, /Belo Horizonte, 2000. Visitado em 20/04/2015 às 18:50. Disponível em: <http://www.bibliotecafeminista.org.br/index.php?option=com_remository&Itemid=56&func=startdown&id=171>

LOPES, Gustavo Esteves. Brasileiras do Futebol: Contribuições para a História do Esporte (de sua origem moderna aos dias atuais). Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011. Visitado em: 24/03/2015 às 04:25. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1301272223_ARQUIVO_futebolfeminino1.pdf>

LUCCAS, Alexandre Nicolau. Futebol e Torcidas: Um estudo psicanalítico sobre o vínculo social. Visitado em 25/01/2015 às 20:17. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/rc/upload/files/161438_Luccas%20M_%20%20Futebol%20e%20torcidas.pdf>

MAGALHÃES, Sandra Letícia Ferreira. Memória, Futebol e Mulher: Anonimato, oficialização e seus reflexos na capital paraense (1980-2007). *Recorde: Revista de História de Esporte*. Volume 1, número 2, dezembro de 2008. Visitado em 22/07/2015 às 23:17. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&cad=rja&uact=8&ved=0CCkQFjACahUKEwjM96fglvDGAhVJIR4KHR97B8k&url=http%3A%2F%2Frevistas.ufrj.br%2Findex.php%2FRecordes%2Farticle%2Fdownload%2F776%2F717&ei=mE2wVczLNcmqep_2ncgM&usg=AFQjCNEdVITixqhNDTcezDvm1syLi-auIw&sig2=uuHQzCxaUV1EFsgzB2aG6Q&bvm=bv.98476267,d.dmo>

MANZINE, Eduardo José. Entrevista Semi-estruturada: Análise de objetivos e de roteiros. In. Seminário Internacional Sobre Pesquisa e Estudos Quantitativos, 2, A pesquisa quantitativa em debate. Bauru, 2004. Acessado em 21/01/2016 às 01:06. Disponível em <https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini_2004_entrevista_semi-estruturada.pdf>

MAROLO, Paula; CASTRO, Caio Colagrande e GENNY, Maria. A problemática da imprensa na cobertura do futebol feminino brasileiro. *Videre Futura Revista Científica Digital*, ano 1 vol. 1, 2010. Visitado em 26/03/2015 às 14:22. Disponível em: <

MOSCA, Hugo Motta Bacêllo. A História do Futebol: um espelho da História do Brasil. In: **Fatores Institucionais e Organizacionais que Afetam a Profissionalização da Gestão do Departamento de Futebol dos Clubes**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, Setembro de 2006. Visitado em 27/02/2015 às 00:28. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9440/9440_5.PDF>

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social / Serge Moscovici: editado em inglês por Gerard Duveen: traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. 5ª edição, Petrópolis, Rio de Janeiro, 2007.

MOURÃO, Ludmila e MOREL, Marcia. As Narrativas Sobre o Futebol Feminino: O discurso da mídia imprensa em campo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 26, n. 2, p. 73-86, jan. 2005. Visitado em 22/07/2015 às 17:32. Disponível em: <http://www.pibid.ufpr.br/pibid_new/uploads/edfisica2011/arquivo/273/futebool_feminino_mourao.pdf>

NEVES, José Luis. Pesquisa Qualitativa – Características, usos e possibilidades. Caderno de pesquisas em administração, São Paulo, 1996, Volume 1, Nº 3, 2º semestre. Visitado em 15/03/2016 às 22:39. Disponível em: <http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/pesquisa_qualitativa_caracteristicas_usos_e_possibilidades.pdf>

NEVES, Juliana Cordeiro e FAGUNDES, Guilherme. Caminhos e desafios do futebol feminino na escola. Junho 2012, 27 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação). Universidade do Tuiuti do Paraná, Curitiba. Visitado em 14/02/2016, às 15:02. Disponível em

< <http://tcconline.utp.br/wp-content/uploads/2012/10/CAMINHOS-E-DESAFIOS-DO-FUTEBOL-FEMININO-NA-ESCOLA.pdf>>

OLIVEIRA, Lilian Sarat de. Educação e religião das mulheres no Brasil do século XIX: conformação e resistência. Fazendo o gênero 8 - corpo e violência, Florianópolis. Agosto de 2008. Visitado em 14/02/2016, às 15:01. Disponível em <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST27/Lilian_Sarat_de_Oliveira_27.pdf>

_____. Educadoras e Religiosas no Brasil do Século XIX nos Caminhos da Civilização. XII Simpósio Internacional Processo Civilizador, 10, 11, 12, e 13 de novembro de 2009, Recife. Visitado em 14/02/2016, às 14:56. Disponível em <http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais12/artigos/pdfs/comunicacoes/C_Oliveira3.pdf>

PAULO JÚNIOR, E. J.; SOUZA, R. R. de e NUNES, M. B. Futsal feminino: a arte por trás da maquiagem. EFDesportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, año 17, nº175, dezembro de 2012. Acessado em 05/01/2016 às 22:19. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd175/futsal-feminino-a-arte-por-tras-da-maquiagem.htm>>

PEREIRA, Marcelo Ricardo. “Isso não é próprio de uma mocinha” ou o horror ao feminino. Professor, profissão em 3 tempos: Gênero, saúde e saber docente/Adriana Maria de Figueiredo (org.). Ouro Preto: Editora UFOP, 2006, p.57-86.

PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos Anos Dourados. In: PRIORE, Mary Del (org.); BASSANEZI, Carla (coord.). (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. 9 ed., 1ª reimpressão. - São Paulo: Editora Contexto, 2010, v., p. 607-639.

RAGO, Luzia Margareth. **Do Cabaré ao Lar: A Utopia da Cidade Disciplinar: Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1985.

_____. *Trabalho feminino e sexualidade*. In: PRIORE, Mary Del (org.); BASSANEZI, Carla (coord.). (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. 9 ed., 1ª reimpressão. - São Paulo: Editora Contexto, 2010, v., p. 578-606.

RINALDI, Wilson. Futebol: Manifestação cultural e ideologização. *Revista da Educação Física/UEM Maringá*, v. 11, n. 1, p. 167-172, 2000. Visitado em 14/02/2016, às 14:44. Disponível em <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3804>>

RODRIGUES, Francisco X. F. Futebol e teoria social: introdução a uma sociologia do futebol brasileiro. Visitado em 31/05/2015 às 16:01. Disponível <http://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/034836_Rodrigues%20-%20Futebo/1%20e%20teoria%20social.pdf>

SALVINI, Leila e MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Uma história do futebol feminino nas páginas da Revista Placar entre os anos de 1980-1990. *Movimento*, Porto Alegre, v. 19, n. 01, p. 95-115, jan/mar de 2013. Visitado em 25/03/2015 às 02:25. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/31644/24403>>

SALVINI, Leila. Mulher Brasileira e Futebol: Um Choque de Signos. Anais do V Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte. UIVALI Itajaí, SC 23 a 25 de setembro de 2010. Visitado em 01/06/2015 às 02:49 Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/sulbrasileiro/vcsbce/paper/viewFile/2043/1009>>

SANTOS, Doiara Silva dos e MEDEIROS, Ana Gabriela Alves. O futebol feminino no discurso televisivo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 34, n. 1, p. 185-196, jan./mar. 2012. Visitado em 14/02/2016, às 14:29. Disponível em <<http://www.redalyc.org/pdf/4013/401338560013.pdf>>

SANTOS, José Alcides Figueiredo. **Estrutura de posição de classe no Brasil**: Mapeamento, mudanças e efeitos na renda. Belo Horizonte/Rio de Janeiro, Editora da UFMG/Iuperj, 2002.

SARDINHA, Esperança Machado. A Estrutura do Futebol feminino no Brasil. *Revista Hórus* – Volume 5, número 1 – Jan-Mar, 2011. Visitado em 14/02/2016, às 14:28. Disponível em <<http://www.faeso.edu.br/horus/artigos%20anteriores/2011/A%20ESTRUTURA%20D%20FUTEBOL%20FEMININO%20NO%20BRASIL.pdf>>

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil para análise histórica. Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Visitado em 11/09/2015, às 20:38. Disponível em <http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf>

SILVA, Carla. A Desigualdade Imposta Pelos Papeis de Homem e Mulher: Uma Possibilidade de Construção de Igualdade de Gênero. Visitado em 14/02/2016, às 14:18. Disponível em <http://www.unifia.edu.br/projetorevista/artigos/direito/20121/desigualdade_imposta.pdf>

SILVA, Giovana Capucim e. Futebol Feminino: Proibido para quem? Uma análise de duas reportagens sobre o futebol praticado por mulheres no período anterior a sua regularização como esporte. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2012. Visitado em 14/02/2016, às 13:38. Disponível em <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1385576793_ARQUIVO_GiovanaCapucimeSilva.pdf>

SIMÕES, Fatima Itsue Watanabe e HASHIMOTO, Francisco. Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX. *Revista Vozes dos Vales da UFVJM: Publicações Acadêmicas*. Minas Gerais, Brasil. Nº 02, Ano I. 10/2012 Reg.: 120.2.095–2011 – PROEXC/UFVJM – ISSN: 2238-6424. Visitado em: 21/04/15 às 14:48. Disponível em <http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/Mulher-mercado-de-trabalho-e-as-configura%C3%A7%C3%B5es-familiares-do-s%C3%A9culo-XX_fatima.pdf>

SOUZA, Eustáquia Salvadora de. **Meninos à macha, meninas à sombras**. A história do ensino da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994). Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação - Universidade Estadual de Campinas, 1994. Visitado: em 30/07/2015

às 22:48. Disponível em <
<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000083959>>

SOUZA, Eustáquia Salvadora de e ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. *Cadernos Cedes*, ano XIX, nº 48, Agosto 1999. Acessado em 05/01/16 às 15:01. Disponível em <
<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n48/v1948a04.pdf>>

SOUZA, Jessé. A construção do mito da "brasilidade". In: *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Colaboradores André Grillo. Pág. 29-122. Belo Horizonte, editora UFMG, 2009.

SOUZA, Liliane Santos. Futebol feminino no país do futebol: trajetórias de jogadoras de um time de futsal. 2009, 94 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Visitado em: 12/02/2016 às 15:33. Disponível em: <
http://www.fef.unicamp.br/fef/docs/gruposdepesquisa/gef/Liliane_monografia_2009_FINAL.doc>

STAMATTO, Maria Inês Sucupira. Um Olhar na História: A Mulher na Escola (BRASIL: 1549 – 1910). Programa de Pós-Graduação em Educação - UFRN, 2002. Visitado em 30/07/2015 às 22:48. Disponível em <
<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0539.pdf>>

THÉRY, Hervé. Futebol e hierarquias urbanas no Brasil. *Revista de Geografia da UFC*, vol. 5, núm. 9, 2006, pp. 7-16, Universidade Federal do Ceará Brasil. Visitado em 12/02/2016 às 15:28. Disponível em: <
<http://www.redalyc.org/pdf/2736/273620669025.pdf>>

TOLEDO, Cecília. Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide. 2ª ed. Apresentação de Cláudia Masse Nogueira. São Paulo: Sundermann, 2008.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. *Revista Brasileira de Educação*, 2003. Visitado em 17/03/2016 às 17:08. Disponível em: <
<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a01.pdf>>

ZOBOLI, Fábio e COSTA, Tammy Rocha. Corpo, sexualidade e gênero: a mulher atleta. *Revista Espaço Acadêmico*, Ano XIII, nº 154, 2014, pág. 43-53. Visitado em 29/04/2015 às 00:06. Disponível em: <
https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0CB4QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.periodicos.uem.br%2Fojs%2Findex.php%2FEspacoAcademico%2Farticle%2Fdownload%2F23234%2F12535&ei=AkZAVcucBIwggSG7YGACg&usg=AFQjCNELyzMh2pJ1fmPTRZZLhy8KSOLKlg&sig2=6NXhpGDT3_y4AMsnIXUL6g&bvm=bv.91665533,d.eXY>

Sites:

“AGORA os shorts são mais curtos”: Dirigente da CBF é acusado de machismo. Visitado em 17/07/2015 às 21:37. Revista Fórum. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/blog/2015/06/agora-os-shorts-sao-mais-curtos-dirigente-da-cbf-e-acusado-de-machismo/>>

ALEXANDRE Mattos fala sobre bandeirinha. "Se é bonitinha, vai para a playboy". Youtbe.com. Visitado em 23/04/2015 às 17:39. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=t811Bf7DZiU>>

CECILIANO, Guilherme. Frase de Marco Aurélio Cunha sobre futebol feminino gera polêmica: sexista?, UOL Esporte, São Paulo. Visitado em 17/07/2015 às 21:33. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2015/06/15/frase-de-marco-aurelio-cunha-sobre-futebol-feminino-gera-polemica-sexista.htm>>

DECLARAÇÃO de Marco Aurélio Cunha gera polêmica no futebol feminino. Dirigente teria afirmado, em entrevista a jornal canadense, que 'agora as mulheres (jogadoras) estão ficando mais bonitas, passando maquiagem'. Lance. Visitado em 17/07/2015 às 21:30. Disponível em: <http://www.lancenet.com.br/selecao/Declaracao-Marco-Aurelio-Cunha-feminino_0_1376862455.html>

DIRIGENTE faz elogio polêmico ao uniforme feminino. Para Marco Aurélio Cunha, imagem do futebol feminino melhorou porque mulheres estão ficando mais bonitas. Band.com.br. Visitado em 17/07/2015 às 21:33. Disponível em: <<http://esporte.band.uol.com.br/futebol/copa-do-mundo-feminina/2015/noticias/?id=100000756526&t=>>>

FEDERAÇÃO Mineira de Futebol. Visitado em 20/04/2015 às 23:53. Disponível em: <<http://www.fmfnet.com.br/novoportal/feminino>>

GOLS de Brasil 7x1 Equador. Seleção brasileira “dá o troco” após vexame, mas é o feminino no Pan. Guia do Boleiro. Visitado em 17/03/2016 às 22:06. Disponível em: <<http://www.guiadoboleiro.com.br/noticia/2015/07/15/gols-de-brasil-7-x-1-equador-selecao-brasileira-feminino-no-pan-americano-cristiane-5-gols-3614.html>>

LEGISLAÇÃO Informatizada. DECRETO-LEI Nº 3.199, 14 de abril de 1941. Visitado em 21/01/2015 às 12:28. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>>

MARTA e Neymar: A desigualdade de salários e apoio no futebol brasileiro. Época Negócios Online. Visitado em 12/02/2016 às 14:40. Disponível em: <<http://epocanegocios.globo.com/Informacao/Dilemas/noticia/2015/06/marta-e-neymar-desigualdade-de-salarios-e-apoio-no-futebol-brasileiro.html>>

MATTOS detona arbitragem de musa em clássico: "Ela não tem preparo". Globoesporte.com, Belo Horizonte. Visitado em 23/04/2015 às 17:06. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/2014/05/mattos-detona-arbitragem-de-musa-em-classico-ela-nao-tem-preparo.html>>

MULHERES craques do futebol ganham "miséria" perto dos boleiros homens; veja. Visitado em 19/04/2015 às 22:53. Portal R7. Disponível em: <<http://esportes.r7.com/futebol/fotos/mulheres-craques-do-futebol-ganham-miseria-perto-dos-boleiros-homens-veja-09062014?foto=7#!/foto/1>>

NARDINI, Rafael. Campeãs, mas e o salário? Jogadoras americanas de futebol estão abaixo da linha da pobreza. Huffpost Brasil. Visitado em 12/02/2016 às 14:49. Disponível em: <http://www.brasilpost.com.br/2015/07/08/jogadoras-futebol-salario-eua_n_7755798.html>

PÉROLAS Futebol Clube. Visitado em 20/04/2015 às 23:57. Disponível em: <<http://perolasesportecolube.webnode.com/>>

REVISTA Placar. Google Play. Visitado em 20/04/2015 às 22:15. Disponível em: <http://books.google.com.br/books/about/Placar_Magazine.html?id=ex_jY90gyh8C&redir%20_esc=y%3E%20Acesso%20em:%2021%20out.%202012>

SUIMOTO, Luiz. Eva futebol clube. Jornal da Unicamp, 5 a 11 de maio de 2003. Visitado em 31/05/2015 às 22:54. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/jornalPDF/211-pag12.pdf>

TOP 10 maiores salários do futebol mundial. FOX Sports. Visitado em 22/04/2015 às 14:12. Disponível em: <<http://www.foxsports.com.br/fotos/6493/0-top-10-maiores-salarios-do-futebol-mundial>>

UMA bandeira contra o machismo: Fernanda Colombo Uliana, o preconceito e um pedido de desculpa. ESPN.UOL. Visitado em 23/04/2015 às 17:35. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/video/444617_uma-bandeira-contra-o-machismo-fernanda-colombo-uliana-o-preconceito-e-um-pedido-de-desculpa>

VISÃO geral. ONU Mulheres. Visitado em 24/08/2015 às 14:30. Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/>>